WWW.PLACAR.COM.BR
COLEÇÃO
PLACAR
Grandes perfis de PLACAR
Abril
ED. 1246 | SETEMBRO 2002 | R$ 4,90
Sorín
Ronaldinho
Dirceu Lopes
Nelinho
Joãozinho
Cruzeiro
OS 23 MELHORES PERFIS JÁ PUBLICADOS NOS 32 ANOS DE PLACAR. DIRCEU LOPES, PALHINHA, DIDA, ROBERTO BATATA, ZÉ CARLOS, RONALDINHO, SORÍN, GERALDÃO, VALDO, CARECA, PERFUMO E MUITOS OUTROS
Fábio Júnior
Tostão
Raul

EDITORA Abril

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Vice-Presidente e Diretor Editorial: THOMAZ SOUTO CORRÊA
Diretor Editorial Adjunto: LAURENTINO GOMES

Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidente Comercial: CARLOS R. BERLINCK
Diretora de Publicidade Corporativa: THAIS CHEDE SOARES B. BARRETO

Diretor de Unidade de Negócio: Paulo Nogueira
Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Alessandra Mennel **Colaboradores:** Leandro Simões (editor), Crystian Cruz (diretor de arte), Fernando Moira (diagramador), Alexandre Battibugli (editor de fotografia) e Gisele de Oliveira (repórter).

www.placar.com.br

Apoio Editorial Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** Rosi Pereira **Prepress:** Susana Cruz **Publicidade: Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Leticia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo, Leda Costa (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Marcello Almeida, Marcelo Pezzato, Renata Mioli, Vlamir Aderaldo (SP) Cristiano Rygaard, Yam Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **Núcleo Abril de Publicidade Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **Gerente de Classificados:** Francisco Raymundo Neto **Marketing e Circulação: Diretor de Marketing:** Alexandre Caldini Neto **Assistente de Produto:** Carla Felicíssimo Soares **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura, Cristiana Cardoso e Renato Dantas **Processos:** Alberto Martins e Carla Zucas **Gerente de Processos:** Renato Rozanti e Ricardo Carvalho **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Junior **Assinaturas: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávolos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:** 0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, tel.:(31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036-150, M.Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, Fax (47) 329-6191 **Brasília** – SCN Q. 01 Bl. C Ed. Brasília Trade Center, 14º andar sl. 1.408 Tel. 315.7554 **Campinas**– R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, sls 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, telefax: (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Londrina** – R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml, telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax: (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax: (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282, tel.:(21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av.Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba,CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória** – Av. Rio Branco, 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, Dil'Arte Propaganda e Marketing Ltda, telefax: (27) 3325-3329 **Escritório no Exterior: Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. **Distribuição:** Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

Publicações da Editora Abril Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais, Tudo **Negócios:** Exame, Exame SP, Você S/A, Meu Dinheiro **Jovem:** Playboy, Capricho **Abril Jr.:** Recreio, Witch, Disney, Heróis, Almanaque Abril, Guia do Estudante **Estilo:** Claudia, Nova, Nova Beleza, Elle, Vip **Turismo e Tecnologia:** Info Quatro Rodas, Superinteressante, Viagem & Turismo, Guias 4 Rodas, National Geographic **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Bons Fluidos, Claudia Cozinha, Saúde, Boa Forma **Alto Consumo:** Viva Mais!, Ana Maria, Contigo, Minha Novela, Manequim, Manequim Noiva **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1246 (ISSN 0104-1762), ano 33, é uma publicação da Editora Abril. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 3990-2112, Demais localidades: 0800-704-2112
Para assinar: Grande São Paulo: 3990-2121, Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

ANER

Abril

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Gabinete da Presidência: JOSÉ AUGUSTO PINTO MOREIRA, MAURIZIO MAURO, THOMAZ SOUTO CORRÊA
Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidentes: CARLOS R. BERLINCK, CESAR MONTEROSSO, GIANCARLO CIVITA, JOSÉ WILSON ARMANI PASCHOAL, VALTER PASQUINI
www.abril.com.br

Carta ao leitor

SÉRGIO XAVIER FILHO
DIRETOR DE REDAÇÃO

Tesouros, no armário

Ele tem 1,80 m, pesa uns 200 quilos, é largo como um armário. Está sempre no cantinho da redação, meio encostadão na parede. Sabe tudo o que aconteceu no futebol brasileiro dos últimos 32 anos e guarda lembranças de todos os ídolos dos nossos clubes. Se fosse um ser humano, mereceria toda a reverência do mundo. O nosso armário das encadernações é o maior patrimônio da PLACAR. Lá estão 1233 edições (fora os especiais) encadernadas em 128 volumes. Vivemos abrindo suas portas, tirando dúvidas ou simplesmente nos deliciando com alguma matéria que tenha marcado. Esse tesouro merecia ser dividido com mais gente. No ano passado, lançamos a "Coleção 13 clubes", contamos em 13 revistas as melhores reportagens de Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Atlético-MG e Bahia publicadas desde março de 1970. O enfoque nessa primeira série eram as conquistas, as reportagens que contaram os principais títulos dos clubes. Agora atacamos forte nos perfis, os grandes ídolos de cada época.

A revista do Cruzeiro reservou algumas pedras preciosas aos leitores. O perfil do ponta Joãozinho, escrito por ninguém menos do que o rival Reinaldo, é uma jóia rara. Ou a emocionante reportagem da morte de Roberto Batata, o triste relato do meia Valdo, falando da filha que perdeu. Como deixar de mencionar o texto do recém-falecido Roberto Drummond, descrevendo com precisão o que Tostão representou ao futebol brasileiro? Não podíamos esquecer também do raçudo Sorín e de Ronaldinho, o Fenômeno. Ele tinha acabado de sair do Cruzeiro quando PLACAR destacou o repórter Mílton Abrucio para ver como o garoto estava se virando na Holanda. O grande Cruzeiro rendeu grandes perfis, como você poderá comprovar nas próximas páginas.

"Só Zagalo ainda não viu que ele merece uma oportunidade. Mas ele não reclama e, paciente, espera que ela chegue." Era o que dizia a PLACAR da época sobre Dirceu. Ele era mesmo uma espécie de gênio incompreendido, menos pela torcida do Cruzeiro, clube onde reinou por 14 anos.

Dirceu, como joga o baixinho

SAPATEIRO: ESPECIALISTA EM COSTURAR BOLAS. PEDREIRO: FEZ UMA PISCINA PARA OS IRMÃOS. ÍDOLO: HUMILDE, ESCONDE A SUA RIQUEZA DA VIZINHANÇA

POR MICHEL LAURENCE

Engraçado. O baixinho é quem joga mais e melhor, mas na hora H ninguém se lembra dele. Talvez seja o seu jeito, retraído, humilde, que não deixa os responsáveis enxergarem o óbvio.

Esse baixinho, que joga uma barbaridade, não diz nada, não reclama, só fica olhando com o seu jeitão de gente do interior, com um sorriso no rosto. Nem mesmo esse sorriso consegue ser de deboche. Ele não tem jeito para isso.

Não zomba de ninguém, não critica ninguém. Apenas tenta fazer o certo. E o pior é que, cada vez que o baixinho pega na bola, ele faz mesmo as coisas certas.

— Dirceu, por que você não reclama?

Na última Seleção Brasileira, durante a Copa Roca, apenas três não jogaram: Ado (que é o reserva natural de Félix e não precisava ser experimentado), Miguel (que voltava de uma contusão) e Dirceu Lopes. Na tentativa de encontrar uma fórmula mágica que suprisse a saída de Pelé, Zagalo fez todas as tentativas e variações possíveis e imagináveis com os jogadores de que dispunha. Menos com Dirceu Lopes.

Nas tentativas para armar um ataque para a Seleção, sempre surgiram defeitos. E, em todas, o mais prejudicado foi Tostão, que ficava isolado entre dois ou três beques adversários, tentando proteger a bola, até que chegasse um companheiro lá de trás. Claudiomiro jogava muito longe de Tostão, Vaguinho mais ainda. Os que podiam chegar eram os do meio-campo, Clodoaldo, Gérson e Rivelino. Mas demoravam muito, pelo próprio esquema empregado pela Seleção. Assim, Tostão perdia a bola.

No banco

Do lado de fora, sentado num banco entre os companheiros, estava justamente o jogador que joga ao lado de Tostão no Cruzeiro, há mais de cinco anos, com um estilo parecido ao de Pelé, ocupando uma faixa de campo quase idêntica à que Pelé ocupou na Seleção na Copa. Mas Dirceu Lopes não entrou. Por quê?

— Não sei. Sinceramente, pensei que ia ter uma oportunidade...

Dirceu Lopes não chega nem a ter raiva de Zagalo. Ele não sabe exatamente o que o técnico da Seleção pensa dele. Na sua maneira de ver as coisas, só encontra uma explicação:

— Bem, eu gosto muito de brincar. Mexo com todo mundo, fico fazendo brincadeiras e todos brincam comigo. Mas Zagalo não brinca.

— Se a gente se cruza numa escada, ele diz bom dia para mim e eu respondo, só isso. Agora eu não vou ficar brincando com ele só para agradá-lo, só para conseguir uma posição no time. Eu não. Só posso brincar com alguém de coração, nunca por fingimento. Mas, com Gérson, Zagalo se comporta diferente.

E calado

A maior mágoa de Dirceu Lopes, um rapaz de 24 anos, foi ter sido dispensado da Seleção que ia disputar a Copa. Mesmo assim, ele não reclamou. Não fez escândalos. Ficou calado e foi conversar com o seu pai na cidade de Pedro Leopoldo, a 40 minutos de Belo Horizonte. É ali, naquela mesma casa em que viveu antes de ser um famoso jogador de futebol (claro que um pouco reformada), que Dirceu encontra tranqüilidade.

— Concluí que o certo seria ficar calado. Não quero nada que não seja através do meu futebol. Acho que Deus não quis que eu fosse titular da Seleção.

"Eu não vou brincar com Zagalo só para agradá-lo, para conseguir uma vaga no time. Só posso brincar com alguém de coração"
DIRCEU LOPES

Dirceu Lopes é uma personalidade estranha. De um menino pobre, que trabalhou como auxiliar de sapateiro (não aprendeu nada, só a costurar bola de futebol, que é o que ele sempre gostou), auxiliar de pedreiro (muitas vezes ficou com o ombro em carne viva de tanto carregar latas de cimento), passou a ser um dos mais famosos jogadores do Brasil. E continua morando no mesmo lugar, com os mesmos gostos, os mesmos amigos.

Quando ele chega à cidade, imediatamente os amigos organizam uma "pelada" num campinho perto de sua casa. Dirceu põe um calção e, de pés descalços, sente-se em casa. Joga tudo o que sabe, no mesmo estilo do Cruzeiro, sem reclamar de ninguém. Ao contrário, elogiando, diz que existem verdadeiros "cobras" nesses "rachas" de rua.

Talvez seja por isso, por ser um homem muito amigo, quase inocente, que Dirceu Lopes não reclama de nada. Ao contrário, ele procura ficar dando o bom exemplo a todos. Não gosta de ficar exibindo que agora está ganhando bem. Ainda há pouco tempo, quando seus dois irmãozinhos de dois e três anos de idade (ele é o segundo de uma família de 11 irmãos) ficaram com inveja dos banhos de piscina que ele ia tomar na casa de uma antiga namorada, ele resolveu construir um tanque no jardim, para que eles pudessem nadar de vez em quando. Começou a cavar o buraco, ele mesmo, e foi aumentando conforme as crianças iam pedindo, dizendo que era muito pequeno. Só pediu para que um amigo terminasse a piscina porque não sabia fazer o acabamento.

— Eu fui pobre, sabe? Muito pobre. Muitas vezes comia apenas um pão simples com café por dia. Hoje, quando vejo algum companheiro meu se revoltar com a comida que lhe é servida, fico com uma bruta raiva. Por isso aprendi a dar valor ao que consegui e a não humilhar os que têm menos do que eu.

Essas coisas Dirceu Lopes leva a sério. Em sua cidade é incapaz de andar fumando pela rua ou de entrar num botequim para tomar uma cerveja:

— Bem, isso é muito simples. Eu me lembro de quando era guri. Sempre fui vidrado em futebol, acompanhava tudo, pulava o muro do estadinho de Pedro Leopoldo para ver os grandes jogadores. E os ficava acompanhando. Tinha um, o Pelao, que era o grande ídolo da cidade. Eu procurava copiar tudo o que ele fazia. Então não fumo, apesar de ter fumado durante muito tempo. E não tomo cerveja em bar, apesar de gostar de uma cervejinha de vez em quando, porque sei que os garotos ficam olhando tudo o que faço.

Assim é o baixinho, que joga uma barbaridade, mas não tem o menor convencimento. Sua humildade chega a tal ponto que, contra o Corinthians, Piazza reclamou de um passe que tinha feito com certa displicência e Dirceu respondeu xingando. De noite não conseguiu dormir antes de ir ao quarto de Piazza pedir desculpas. Com um temperamento desses, o "baixinho que joga pra burro" não tem a mínima vaidade de reclamar uma posição na Seleção. Uma posição que é mais dele do que de ninguém.

— Mas não quero reclamar. Mesmo sendo esse o meu maior sonho. No dia em que for o titular da Seleção, acho que não posso pedir mais nada a Deus. Mas quero que aconteça pelo mérito de meu futebol.

Um dia Zagalo vai ver o baixinho jogar. E como joga o baixinho.

Perfumo 1971

PLACAR anunciava: "Considerado um dos maiores zagueiros de área do mundo, com 29 anos, Perfumo acaba de tomar uma decisão drástica." A decisão era abandonar o futebol. Felizmente, para os cruzeirenses, o argentino voltou atrás e acabou permanecendo no clube até 1975.

Roberto Perfumo: misto de garra e muita categoria em campo

"Não jogo mais futebol"

OS MILHÕES QUE O CRUZEIRO PAGA A PERFUMO JÁ NÃO SÃO SUFICIENTES PARA MANTÊ-LO LIGADO À BOLA. O IMPORTANTE É O AMOR PELA MULHER

POR ARTHUR FERREIRA

Não deve ter sido fácil tomar a decisão. Largar tudo, deixar de ser o maior zagueiro do mundo, em plena forma, para ser comentarista de uma rádio de Buenos Aires, realmente não deve ter sido fácil para Roberto Perfumo. E tudo por quê?

— Eu amo Mabel e por ela sou capaz de tudo.

Este amor fez Perfumo abandonar o Cruzeiro, perder Cr$ 18 000,00 de salários, para ficar ao lado da mulher e de Gustavo Javier, único filho do casal.

Antes ele tinha vivido entre a cruz e a espada. Não queria contrariar a mulher nem deixar de cumprir o contrato com o Cruzeiro, até abril de 1974. Mas, depois dos apelos que recebeu em Mar Del Plata, no último fim de semana, onde fora descansar, Perfumo não teve mais nenhuma dúvida: renunciava à profissão pelo amor de Mabel.

— Minha mulher não se adaptou. Sinto muito, mas não volto mais a Belo Horizonte.

Os 15 meses que viveu em Belo Horizonte representaram um suplício para o casal. Morar no maletinha, um apartamento pequeno, numa das avenidas mais movimentadas da cidade, não agradou a Mabel.

— Ela vivia triste, sempre falando em voltar para Buenos Aires. O palacete de 55 000 dólares, no bairro Sarandi, construído e idealizado por ela, o carro Concord, os pássaros e o pomar que deixava Gustavito feliz não saíam do pensamento de Mabel.

O filho começou a adoecer com as constantes viagens do pai. Tudo foi aborrecendo Mabel, sempre inconformada com a troca de uma cidade de vida social intensa, com cerca de 8 milhões de habitantes, por uma de 1,5 milhão, pacata.

Bem que Perfumo tentou fazer Mabel gostar de Belo Horizonte. Desde março

ZEKA ARAÚJO

Saindo jogando, sempre com elegância: foi tetracampeão mineiro pelo Cruzeiro

do ano passado, quando ela chegou, procurava sair todos os dias. Deixava a mulher ir à Argentina toda vez que viajava com o time, num espaço superior a quinze dias. Não adiantou. Mabel não se acostumou. Não gostava de Belo Horizonte. Começou a ficar na fossa.

Dia 23 de julho, depois da vitória sobre o América (2 x 0), Perfumo teve uma grande surpresa: encontrou Mabel fazendo as malas, em definitivo, para ir embora de vez. Segundo o porteiro do Maletinha, o casal brigara pela primeira vez. Perfumo discutiu alto com a mulher e perdeu a batalha. Ela partia num Volks deixando a conta de luz e telefone em cima do fogão. Era o fim da carreira de Roberto Perfumo.

— Eu conhecia o problema. Tentava ganhar tempo. Pensava num palacete na

"Minha mulher não se adaptou. Sinto muito, mas não volto mais a Belo Horizonte. Eu amo Mabel e por ela sou capaz de tudo"
PERFUMO

Pampulha. Talvez isso facilitasse a adaptação de Mabel. (Carmine Furletti.)

A renúncia de Perfumo significa Cr$ 930 000,00 de investimentos perdidos. Segundo o tesoureiro do Cruzeiro, Gemido Moreira, para formar a dupla Perfumo e Fontana, o clube gastou Cr$ 600 000,00 junto ao Racing. Agora, só resta um caminho: suspender o contrato e depositar os salários na federação.

— Não podemos fazer mais nada. Se alguém quiser comprar o passe, o Cruzeiro vende por 200 000 dólares. Caso contrário, é assunto encerrado.

Roberto Alberto Perfumo, 29 anos (3/10/42), se queixava sempre de seus problemas domésticos. Dirceu Lopes, seu companheiro de apartamento na Toca da Raposa, é testemunha disso. Acha mesmo que Perfumo era um amigo bacana e só um motivo muito forte o prenderia em Buenos Aires.

— Sinto a ausência de Perfumo. É um craque e um homem de personalidade.

Nos quinze meses de Cruzeiro, de ordenados, Perfumo ganhou Cr$ 210 000,00, acrescidos de Cr$ 2 000,00 em média, por bicho e mais Cr$ 2 000,00 de aluguel do apartamento (três quartos, sala, cozinha e demais dependências) todo mobiliado. Cada dia de Perfumo no Cruzeiro representava Cr$ 2 600,00 e, só na excursão à Ásia, é que o clube conseguiu faturar com sua presença. Nos clássicos contra o Atlético, a disputa Perfumo x Dario era também uma fonte de renda a mais. Apesar de seu excelente futebol e comportamento exemplar como profissional, Perfumo deixou a torcida mineira profundamente triste.

Sua decisão põe fim a uma carreira brilhante de um antigo integrante da Seleção da FIFA, campeão mundial interclubes (1966) e quarenta jogos pela Seleção Argentina. Realmente, não deve ter sido nada fácil tomar uma decisão dessas.

Quando o Cruzeiro foi campeão, em 1972, os torcedores traziam na lapela um pouco de palha de cigarro em sua homenagem. Não imaginavam que Palhinha levantaria o título também em 1973/74/75. De quebra, a Libertadores de 1976. Ele ainda voltou ao clube em 1984 para ser outra vez campeão.

POR ARTHUR FERREIRA

Palhinha, o incrível

EM JANEIRO DE 1972, ELE QUERIA PARAR COM O FUTEBOL. DEPOIS, TOSTÃO DEIXOU O CRUZEIRO E PALHINHA CONSEGUIU SE FIRMAR COMO TITULAR. E EM UM ANO CHEGOU À SELEÇÃO

O futebol de Palhinha atravessou as montanhas de Minas e, agora, pode criar um caso sério para Zagalo, na hora de entregar a camisa 9 da Seleção. Depois do jogo-treino no Recife, Palhinha tem uma idéia fixa: ser titular, sonho que ele mesmo ia destruindo em janeiro do ano passado, quando pensou em deixar o futebol.

Católico fervoroso, devoto de Nossa Senhora Aparecida, hábitos rígidos que herdou do pai, seu Sebastião, ele é o filho mais apegado à família, segundo depoimento da mãe, dona Anita. Sério, simples, inteligente, bom de papo, alegre, tímido — assim é Palhinha, registrado como Vanderlei Eustáquio de Oliveira.

Para Dirceu Lopes, trata-se de um craque. Para Wilson Piazza, é um sujeito de excelente caráter. Para julgar sua categoria como jogador, basta vê-lo jogar; para julgar seu caráter, basta ouvir esta história: pouco antes da excursão do Cruzeiro à Ásia e Europa, Palhinha procurou o diretor Cármine Furletti e disse que não podia viajar, que era melhor incluir Roberto Batata ou Baiano na delegação. Ele não estava bem e, apesar da insistência do diretor, decidiu que era melhor ficar em Belô, treinando até recuperar sua boa forma.

Foi nesta época que Palhinha pensou até em parar com o futebol. Estava jogando mal, chegou a ganhar vaias insistentes da torcida. Depois, encontrou forças interiores para perseverar. Pouco tempo mais tarde, Tostão brigou com o Cruzeiro e foi vendido para o Vasco. Chegava a grande chance para aquele jogador que era o eterno regra 3 do ataque.

Iustrich era o técnico na época e acreditou no futebol de Palhinha, lançando-o naquela posição que Tostão gosta, vindo de trás com a bola, entrando de frente na área. Animado pela perspectiva de ser titular absoluto, Palhinha passou a treinar intensivamente com o preparador físico Célio Lara, até se tornar um centroavante forte, duro. Um jogador que explodiu no Campeonato Mineiro do ano passado.

— Consegui quase o impossível, consegui fazer a torcida do Cruzeiro acreditar no meu futebol. Minas Gerais parecia não me aceitar.

Campeão mineiro de 1972, Palhinha ouvia a massa cruzeirense inaugurar um novo grito de guerra, alegre, vibrante: "Palhinha, Palhinha, Cruzeiro é campeão".

Nas tabacarias, acabaram-se os estoques de palha de cigarro, usada como símbolo do título na lapela dos cruzeirenses. Palhinha tomou um pouco do prestígio de Dirceu Lopes, Piazza e Zé Carlos, dividindo com eles a responsabilidade pelos sucessos do Cruzeiro.

Palhinha começou muito cedo no futebol. Com oito anos era titular no infantil do Barreiro, um subúrbio de Belo Horizonte. No Liceu Salesiano, era o craque do time (e excelente aluno), até que Lincoln Alves fez com ele o que já havia feito com Tostão e muitos outros craques: levou-o para o futebol de salão do Cruzeiro.

A volta ao campo

Em 1966, com 15 anos, Palhinha voltou para o futebol de campo, no juvenil, jogando ao lado de Spencer (hoje no Atlético). Em 1968, foi convocado para a Seleção Olímpica que ia ao México, mas acabou sendo dispensado com os outros mineiros (Élcio, do América, e Gaúcho, do Atlético).

Se não impressionou o técnico Antoninho, Palhinha sempre agradou a Zagalo, que já no Botafogo, em 1967, pedia sua contratação. O Cruzeiro também fazia fé em seu futebol e não o deixou sair, oferecendo-lhe Cr$ 30 000,00 de luvas e Cr$ 7 000,00 mensais — excelente pagamento para seu primeiro contrato profissional. Ganhando muito — como ele mesmo afirma —, teve de aceitar a contingência de ficar na regra 3 para todas as posições do ataque, da ponta-direita à ponta-esquerda. Mas valeu.

— Quando Brito e Rivelino me cumprimentaram, depois do primeiro gol no jogo-treino do Arrudão, senti que não estava decepcionando. Fiquei aliviado, porque no começo estava um pouco apavorado com a responsabilidade.

Palhinha começou no time B, dirigido por Chirol, que não deu nenhuma instrução especial, pediu apenas que cada um jogasse o seu futebol, pois era um treino para observação. Palhinha jogou seu futebol, foi observado e conquistou todo mundo.

— Os mesmos arrepios que senti ao saber de minha convocação senti com a camisa da Seleção, vendo a torcida do Recife me aplaudindo depois do gol.

Agora Palhinha disputa o Campeonato Mineiro, em busca do bi, mas tem o pensamento voltado para a lista de Zagalo. Esta é sua conversa diária com Regina (sua noiva, com quem pretende casar ainda este ano). Sua grande preocupação é não se contundir até 15 de maio, embora a ordem do técnico Hílton Chaves seja a de esquecer convocações, Seleção, etc.

— Nossa meta é o título mineiro. Depois vamos pensar na Seleção.

Se fala assim, Hílton Chaves não deixa de elogiar a lembrança de Zagalo.

— Palhinha é o tipo rompedor que a Seleção precisa, um novo possesso, como o Amarildo.

Palhinha, entusiasmado, mas humilde, faz sua ressalva:

— Bem, se o Tostão voltar, a camisa é dele, com todo o merecimento. Como no Cruzeiro, na Seleção pretendo apenas ser o sucessor de Tostão. Já é muito, né?

"Consegui quase o impossível, consegui fazer a torcida do Cruzeiro acreditar no meu futebol. Minas Gerais parecia não me aceitar"

Palhinha em ação: valentia e muito oportunismo

"Quando digo que estou preparado para abandonar a bola, não estou dizendo que já não adoro o futebol." Esse era Tostão, inseguro, angustiado, depois de mais uma cirurgia no olho. Por causa do problema na visão, ele jamais conseguiu ser o Tostão do Cruzeiro no Vasco, clube que já defendia na época.

"Eu quero é jogar bola"

QUANDO TOSTÃO DEIXOU O HOSPITAL METODISTA DE HOUSTON,TINHA NO ROSTO UM SORRISO DE ESPERANÇA E UMA VENDA, NO OLHO, DE DÚVIDA

POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

— Eu quero voltar a jogar. Quero isso mais do que quase tudo na vida. Quero no duro. Quero mesmo e vou fazer tudo que for preciso para que isso aconteça. Só não quero uma coisa: jogar sem estar em perfeitas condições. Não seria justo nem honesto.

Entre o Tostão que eu encontrei agora, em Houston, no Texas, deitado numa cama e saindo do Hospital Metodista depois de uma terceira operação no olho esquerdo, e o Tostão com quem conversei muito em janeiro de 1970, na praia de Marataízes, Espírito Santo, três meses depois da primeira operação, notei que algumas coisas mudaram, mas notei também que uma, pelo menos uma — e na certa a mais importante para ele como homem e como jogador de futebol —, continua a ser igualzinha depois desses três anos. Está intacta a sua maneira elevada de ver as coisas, de enfrentar os problemas mais duros.

Recordações

Em Marataízes eu comecei falando da beleza da praia, do sossego, de como ele era querido naquela cidade que o trata muito mais como o Eduardo-gente do que como o Tostão-jogador, da cervejinha gelada que ele todas as tardes tomava no Cabana, das serenatas que fazia com os amigos, com quem falava muito de literatura, política internacional, moças bonitas e pouco de futebol. Fui falando dessas coisas todas, rodeando para entrar no assunto de sua operação, quando ele, me avacalhando um pouco, perguntou por que eu tinha medo de entrar direto no assunto.

— Você não veio aqui para falar disso tudo, veio foi para saber se eu vou ficar bom da vista, se volto a jogar, se vou ter medo de cabecear a bola, se estou triste, se vou me matar caso não possa continuar jogando futebol. Você veio foi para saber dessas coisas todas, certo? Então por que não pergunta logo sobre o que quer saber?

E foi falando tudo que todo mundo queria saber. Sempre com a mesma voz firme, mais firme, acho, do que minhas mãos que anotavam.

— Diga que voltarei a jogar, que eu irei à Copa do México, que ainda continuarei a ser Tostão, e por muito tempo. Diga isso muitas vezes. Repita sempre, tá?

Tostão voltou. Naquela época ele estava lendo O Poder do Pensamento Positivo, de Norman Vincent Peale. Talvez por isso tivesse repetido tantas vezes que ia voltar.

Hoje, Tostão anda lendo outros autores. Ele mostrou-me que tem o poder de pensar positivamente. No nosso primeiro encontro não houve brincadeira. Houve, sim, uma ameaça de bronca dele para cima de mim. "Não é por nada, não", repetia ele, "mas é que as visitas estão proibidas e os médicos me recomendaram repouso absoluto. Você volta amanhã." Só não voltei porque tinha ido lá com a cara de pau e porque dona Vânia ajudou a convencê-lo do contrário.

— Olha, Edu, se o moço chegou até aqui, passando por toda a fiscalização do hospital, é porque você deve falar com ele.

— Vamos conversar, mas apenas um papo entre amigos, certo? Não é uma entrevista, certo?

Numa ponte rápida entre Marataízes-70 e Houston-73, Tostão naqueles momentos me parecia um homem mudado, irritado, medroso. Não era o Tostão que tantas vezes antes havia desafiado a gente a falar sobre o olho, sobre a operação.

Não fiz rodeios, como em Marataízes. Perguntei, apenas, se tudo ia bem. Perguntei, mas eu não estava achando que as coisas iam bem. Ele estava sério, as feições duras, a mão direita brincando nervosamente com a esquerda, rodando a aliança.

Eu não queria, mas começava a sentir o mesmo que todo torcedor da Seleção Brasileira, como eu, ainda vai sentir por alguns meses: o medo de não ter o Tostão brigando contra os gringos duros na Copa da Alemanha. O medo de não vê-lo repetindo em 1974 tudo aquilo que ele fez no México e que levou um jornalista inglês a profetizar que a Copa da Alemanha seria a Copa de Tostão e Beckenbauer.

Se eu fosse me basear apenas nessa primeira impressão, se já não o conhecesse bem, acho que teria dito o que ninguém quer ouvir nem vai aceitar por muito tempo: Tostão já sabe ou já sente que dificilmente voltará a jogar. Começamos a falar de tudo, menos da sua operação, do seu medo de não voltar a jogar. Acho que até eu mesmo evitei um pouco.

Passei a noite e a manhã do dia seguinte tentando descobrir por que Tostão estava irritado, duro. No dia seguinte entrei disposto a fazer perguntas sem rodeios. Caí do cavalo. Ele estava sentado na cama, barbeado, sorrindo, querendo falar.

Tostão, a camisa do Cruzeiro, a bola, a rede: relação íntima que, durante um bom tempo, ficou ameaçada

— Pode perguntar tudo que você quiser. Tenho uma boa notícia: vou deixar o hospital segunda-feira e se tudo der certo fico mais uns quinze dias por aqui, vou para o Brasil e volto dentro de três meses para novo exame. Aí, então, vou saber se me liberam para treinar, se precisarei esperar por mais algum tempo ou mesmo se terei que abandonar o futebol.

— Tostão, quando nós conversamos em Marataízes, em janeiro de 1970, você respondia às perguntas sem rodeios, falava tudo e garantia que voltaria a jogar. Ontem você me pareceu duvidar dessa possibilidade. Estava nervoso?

Ele olhou para mim firme e tranqüilo. Não pensou muito para responder.

A satisfação

— Você já experimentou ficar dentro de um mesmo quarto, deitado numa cama, sem quase poder se movimentar, por quase dois meses? Mas não vá dizer que estou contente porque recebi autorização para jogar. É porque estou saindo do hospital, sinal de que as coisas vão correndo bem. Ainda não temos possibilidade de saber se volto ou não e eu estou louco para voltar, mas também estou preparado para o pior, para parar se for necessário.

Era, já, o outro Tostão. Falando sem medo, provocando, sem nervosismo, mas sem passar disso. Sem, como diz ele, querer mentir. Psicologicamente era outro Tostão, apenas 24 horas depois. E esse estado de espírito, forte, elevado, poderá ajudá-lo muito a voltar a jogar quando for liberado, se for. Mas, infelizmente, do ponto de vista médico, não vai influir nada na sua cura.

Ele continua falando do seu contrato com o Vasco. Diz que só vence em maio do próximo ano e que até lá não tem nada a tratar sobre o assunto. "Estou sem jogar por problemas no olho, como poderia estar por problemas no pé, no joelho. Fui para o Vasco em condições perfeitas e o que aconteceu comigo, depois da transferência, poderia ter acontecido e acontece com muita gente."

Eu já tenho certeza de que, se lerem autorização para Tostão jogar, ele irá fazê-lo com a mesma gana que mostrou até agora. Cabeceando, entrando duro, mergulhando em pé de zagueiro, como fez na Copa, no jogo contra o Uruguai.

— Não me deixaria chateado. Ao contrário. Quando digo que estou preparado para parar, não digo apenas financeiramente. Não é isso que quero dizer. Estou preparado psicologicamente porque fiz isso em 1969 e continuei fazendo até agora. Todo homem tem que se preparar sempre para o melhor e para o pior. Não é frieza e não é fácil. Antes eu achava que parando nunca mais entraria num estádio ou que, no máximo, voltaria depois de alguns anos. Agora penso diferente. Estaria lá em todos os grandes jogos. Ainda prefiro estar neles jogando, entende? Meu negócio é futebol, é bola. Foi por ela que parei os estudos e foi ela que me deu tudo que tenho. Se eu tivesse a certeza de que para voltar a jogar precisaria dar tudo que tenho em dinheiro, propriedades, etc., o negócio já estaria fechado. Troco tudo isso pelo direito de voltar a jogar, mas tenho a consciência de que é impossível.

A grande alegria

A gente sente nas enfermeiras, nos pacientes que iam conversar com ele, em dona Vânia, nos jornalistas, e até na cidade que acompanhou pelos jornais e pela televisão "o drama do maior jogador do soccer brasileiro", que há uma alegria contagiante porque Tostão vai deixar o hospital. Ele ri à toa. Brinca, agradece e pára um médico mexicano, com quem conversava muito. Repete a mesma coisa que sempre disse: "Só voltarei se for autorizado e se estiver cem por cento, o que, na prática, quer dizer a mesma coisa".

Se, quando voltar a Huston, os médicos disserem que ele pode voltar a jogar, Tostão sentirá vontade de sair gritando para o mundo todo ouvir: "Eu vou voltar, eu vou voltar".

Já dentro do carro, ele pisca o olho direito e me mostra o polegar para cima.

— Você vai à Alemanha em 1974?

— Diga que eu estarei lá, nem que seja como torcedor. Diga. Não esqueça.

Procópio lutou cinco anos para voltar – e virou líder em um time de craques como o Cruzeiro. Realizou-se; é lógico . Tanto que parou mesmo, pouco tempo depois. Por seu espírito de comandante, não foi difícil assumir logo uma nova carreira, a de treinador.

POR ARTHUR FERREIRA

"Já posso parar"

VEJAM BEM: PROCÓPIO NÃO ESTÁ ANUNCIANDO QUE VAI PENDURAR AS CHUTEIRAS. SUAS PALAVRAS MOSTRAM APENAS QUE ELE JÁ SE SENTE TOTALMENTE REALIZADO

Procópio já se considera realizado jogando ao lado de Perfumo e num time cheio de estrelas como o Cruzeiro. Ser líder, ficar atento à atuação do juiz, gritar com os companheiros em busca de uma jogada perfeita, nada disso fazia parte de suas reivindicações aos céus quando todo mundo o considerava morto para o futebol. Mas ele é o líder — sua natureza.

— É sua, Piazza. Olha o Dirceu lá na esquerda. Puxa, seu juiz, assim não dá.

Este é o Procópio que ressurgiu no Campeonato Brasileiro, mostrando o mesmo futebol e a mesma raça que o menino Procópio Cardoso Neto jogava na pequenina Salinas, interior de Minas Gerais.

Com gana

— Não tenho a pretensão de ser líder no Cruzeiro; trabalho apenas para o time e pela vitória.

Mas todo mundo sabe que foi sua gana que lhe abriu uma vaga no clube, por insistência de Carmine Furletti.

— O time precisava só de raça para se aliar ao toque de bola que vocês tanto elogiam.

Por pensar assim, o diretor quase perde a boa fama que o acompanha há 14 anos. Dos três mineiros, o Cruzeiro foi o time mais vaiado este ano no Mineirão. Ninguém mais queria aceitar o maravilhoso toque de bola, razão de tanto sucesso. Furletti ouvia sempre, até de companheiros de diretoria: "Este futebol está superado, precisamos arrumar outro time".

Mas a experiência de tantos anos fez Furletti descobrir que, no tubo de ensaio do novo time, era preciso colocar apenas umas gotas de sangue — e não tão jovem quanto muitos esperavam.

— Você se lembra, Procópio. Briguei demais para a sua volta. Quase perdi meu maior companheiro de diretoria (referia-se a Edmundo Lambertucci), que achava que você não era a solução.

— Verdade, Furletti, verdade.

Mas Lambertucci não estava sozinho. Também o técnico Hílton Chaves não engolia muito a contratação de Procópio. E não escondia seu ponto de vista nem para o próprio jogador:

— Olha aqui, você acha que eu posso trocar a mocidade de Misael e Darci, que estão bem, pelos seus 34 anos?

Muita fé

Nem a má vontade do técnico fez Procópio desanimar. Já havia vencido as operações no joelho, os diagnósticos que o davam como inutilizado para o futebol. Insistiu até ter sua chance.

No vestiário do Maracanã, pouco antes do jogo contra o Vasco, no retorno da fase de classificação, o ambiente estava tenso. Procópio escalado, o motivo.

Furletti diz que sentiu o peso no ar logo ao entrar. Conversou com Hílton Chaves, caminhou para Procópio. Semana passada, nu concentração da Toca da Raposa, horas antes do jogo com o Palmeiras, no Mineirão, os dois reviveram o diálogo, entre sorrisos:

— Furletti, você se lembra, eu estava nervoso, tenso.

— E eu notei isso, não?

— Você bateu no meu ombro, disse que o jogo já não valia muita coisa, o Cruzeiro estava classificado. Puxa, aquilo me aliviou demais. Entrei em campo tranqüilo.

Furletti confessa que considerava a volta de Procópio, fosse com que resultado fosse, um exemplo para todo jogador de futebol. Além, é claro, de achar que ele era a solução para um ponto vulnerável do time.

Os aplausos

— Muita gente dizia que eu estava louco apoiando a volta de Procópio. Conheço o meu Cruzeiro; sabia que o ponto fraco estava ali, na quarta-zaga. E que precisava de uma solução, urgente.

Misael, contratado ao América, não foi o beque de antes e Darci Meneses não encontrava preparo físico suficiente para todos os jogos do Campeonato Brasileiro. O Cruzeiro tomava gols fáceis, a torcida não perdoava: era vaia em cima de vaia.

— Era preciso um zagueiro raçudo, vibrante, com experiência, para contrabalançar o futebol de toque, que às vezes parece lento, sem inspiração, sem eficiência.

O resultado está aí: o Cruzeiro chegou às finais com palmas em vez de vaias. Mesmo perdendo para o Palmeiras, dentro de casa, muita gente deu a mão à palmatória, quase todo mundo pedindo desculpas por não terem acreditado no futebol de Procópio.

— Eu não tenho mágoa daqueles que não acreditavam em mim. Eles tinham razão; estavam baseados nas palavras dos médicos, na minha idade, em cinco anos de ausência. Ninguém era obriga-

do a acreditar em Procópio, só eu mesmo.

Participar das finais do Campeonato Brasileiro faz Procópio reviver também as maiores partidas já disputadas em sua carreira, como o Fla-Flu de 1963, com 177 000 pagantes fazendo carnaval no Maracanã.

— Dei tudo naquele jogo. Parei na raça o ataque do Flamengo e saí de campo elogiado pela imprensa. Satisfeito e campeão.

Como ganhar títulos faz parte até de sua personalidade, Procópio não esquece da decisão da Taça Brasil em 1966, contra o Santos, no Pacaembu. Esta partida, para ele, é o símbolo de seu futebol.

— Vocês se lembram do jogo? A turma saiu arrasada do primeiro tempo, com 2 x 0 para o Santos. Voltamos para o segundo tempo com outra disposição e viramos para 3 x 2, quando ninguém esperava. Foi o primeiro título nacional do Cruzeiro; era o futebol-arte com raça.

A mesma raça com que Procópio tirou do Atlético Mineiro o título regional de 1967, mesmo jogando machucado na partida final.

— Meu negócio não é ser líder, é ajudar os companheiros a ganhar o bicho. É dar alegrias à torcida que vibra com a camisa que visto. Sempre fui assim, não é verdade?

Quem nunca aceitou a humilhação das derrotas, quem nunca se desligou da profissão que escolheu, hoje está tranqüilo. O semblante sério não existe mais; foi substituído por sorrisos. Procópio mudou, só porque conseguiu o que desejava e perseguia: voltar e poder escolher o momento de parar — parar diante da torcida, de sua manifestação, até mesmo das vaias.

A boa hora

— Parar debaixo de vaias não será nada comparado com a lembrança de abandonar o futebol com a visão da maca, da dor, do desespero.

Foram cinco anos, um mês e 13 dias (de 13 de outubro de 1968, Santos x Cruzeiro, no Morumbi, a 28 de novembro de 1973, Vasco x Cruzeiro, no Maracanã), tempo suficiente para qualquer um desistir, mudar de idéia, procurar outra profissão. Não para Procópio, que, estudando na Escola de Educação Física de Minas Gerais, convenceu-se ainda mais de que seu futebol não acabara.

— Agora eu posso confidenciar a vocês: já posso parar a qualquer momento, como sempre sonhei: recompensado, realizado, feliz.

"Meu negócio não é ser líder, é ajudar os colegas a ganhar o bicho. É dar alegrias à torcida que vibra com a camisa que visto. Sempre fui assim"

ZEKA ARAÚJO

Saindo jogando: às vezes, ele dava enormes sustos na galera por arriscar demais

Acusado de mulherengo, beberrão, farrista contumaz, Joãozinho se dizia apenas um azarado. Quando estava em campo, porém, ninguém podia com ele: dribles, magia, jogadas espetaculares. No ano seguinte, ele foi o herói do título da Libertadores para o Cruzeiro.

Quem atira a primeira pedra?

CHEGOU A SER CHAMADO DE NOVO GARRINCHA. DEPOIS VEIO O DESCRÉDITO, GENTE SE METENDO NA SUA VIDA. MAS QUER REAGIR. ELE PENSA NA SELEÇÃO POR SÉRGIO CARVALHO

Joãozinho chega a tremer quando fala de coisas da vida — da sua vida. Um rapaz com um punhado de grilos na cabeça. Um jogador que se considera marcado pelo azar e pela má fama; aos 21 anos, hora de curtir a própria juventude, hora de viver a invejável posição de titular do Cruzeiro. E parece que, enfim, ele está se dando conta disso, promete reagir, pede licença para se explicar:

— Mulherzeiro eu nunca fui. Bebedor muito menos. Manhoso? Ninguém sabe dos apertos que passei e que continuo passando. Sou um cara azarento demais, um danado de um azarento. Mas não tem nada, não: minha vida está entrando na linha e acho que não vou mais fazer as meninices que andei fazendo. Já comi o pão que o diabo amassou. Hoje, estou alegre com a convocação para a Seleção que vai jogar em dezembro, antes do Natal. Quer dizer que tem gente confiando em mim, uma coisa que me deixa até encucado, pois sei que existem pessoas, dentro do meu próprio clube, que não confiam, que não acreditam.

Joãozinho está vendo as coisas de uma forma mais adulta. Sabe que o seu futuro só depende dele mesmo. "Só de mim, de mais ninguém. Eu estou bem encaminhado, reforçando minhas idéias, tudo está mudando. Até meu azar vai acabar. Vai virar sorte".

Mas o que Joãozinho fazia para provocar tanta desconfiança, tanta insegurança, até mesmo de companheiros de clube, técnicos, dirigentes?

— Dizem que eu saía com muitas namoradinhas, que ficava pelos botecos até tarde da noite enchendo a cara, uma vida desregrada e outras coisas mais. Olha, eu nunca fiz farra assim na vida. Já tomei meus chopinhos, da mesma forma que muito jogador considerado bem comportado também tomou. Mas nunca me excedi. Sou forte pra bebida.

Joãozinho, vibrando com um gol contra o arqui-rival Atlético: em campo, mais parecia um malabarista

Nem tanto pela sua vida particular, mas pensando na promessa que despontava em 1973, há pessoas que consideram Joãozinho um talento ameaçado, e agora tentam dirigir-lhe a vida — inclusive a amorosa.

Culpa do amor

Até as contusões que o andam perseguindo são debitadas na moça que ele escolheu para ser sua. Remexem o passado do amor de Joãozinho, suas origens, de onde ela saiu — e julgam como se tivessem tal direito. Pais que se calem; já é mais do que hora disso acontecer.

Marcado, vivendo conflitos e fossas profundas, dias inteiros deprimido, culpa de falsos moralistas, Joãozinho pede paz, pede que parem de se intrometer na sua vida particular. Em seus dias piores, chega a cometer coisas impensadas, tolices como a de pedir justiça a um jornalista que o criticou depois da eliminação do Cruzeiro da Taça Libertadores. Um pedido patético: descalço, cheirando a álcool, Joãozinho surgiu uma noite no Mineirão, exigindo satisfações do jornalista e radialista Osvaldo Faria.

— Ele estava fora de si, arrasado — lembra Faria.

— Foi a maior criancice que já cometi — nem gosta de lembrar Joãozinho.

O adolescente, o "mulherzeiro", o farrista, não estão mais em Joãozinho. Ele não permite que essas imagens lhe tomem conta da vida — ainda que pessoas continuem a tentar decidir o que é bom e o que é ruim para ele.

— Eu quero mudar minha imagem lealmente. Lá, dentro do campo, jogando o que sei, jogando o futebol que tanto elogiavam. Eu me preocupo com o que pensam de mim, mas procuro não dar mais importância a certas coisas. Não adianta ninguém achar que estou errado, pois quero ver tudo com meus próprios olhos. Fui muito marcado, dei minhas mancadas. Chega!

De pouca instrução (fez até o 2º ano ginasial), pouca orientação, só agora busca estruturar sua vida. Tem conversado muito com a psicóloga da fábrica de Felício Brandi, presidente do Cruzeiro.

— A dona Anita é sensacional. Graças a ela, estou me sentindo numa boa. Vejo que o futebol é a melhor maneira que tenho para construir o meu futuro. Só depende dele. Eu sei que o público gosta de mim, que o clube gosta de mim. Eu gosto de mim demais e, por isso, sinto uma vontade doida de fazer tudo certo. Quero conquistar a confiança de todo mundo.

Mas poucos têm confiança em Joãozinho atualmente, pela sua constante presença no departamento médico, perseguido por uma distensão na coxa.

— Faço tratamento, tudo certinho, e quando acho que estou pronto para voltar a treinar, sinto tudo de novo. Ou então entro no jogo e saio no intervalo. Tenho levado tanto azar que, um dia destes, estava descascando uma laranja e sofri um pequeno corte no dedo médio da mão direita. Qüinze dias depois, estava dirigindo meu carro quando senti dores horríveis. Tive de imobilizar o dedo. Estava com uma tremenda inflamação. Comigo é assim: qualquer coisinha se transforma num grande problema.

Apoio de Palhinha

Problema para ele e para o Cruzeiro. Com Joãozinho, o time se torna mais ofensivo, Palhinha tem em quem encostar, de quem receber bons passes e cruzamentos. Sem Joãozinho, o time ganha até fama de retranqueiro.

— Quando eu jogo, fico só na frente, avançado, esperando lançamentos. No juvenil, eu armava. Mas não gostava. Contra o Flamengo, o Zé Carlos me lançou umas cinco vezes. Acabei marcando o gol da vitória.

"Não sou de inventar contusões. É verdade que às vezes não me sinto muito disposto a treinar e não dou duro."
JOÃOZINHO

Uma das raras lembranças agradáveis que Joãozinho guarda deste Campeonato Brasileiro.

— Não só do Brasileiro, como de todo o ano também.

Recentemente, convocado para a Seleção Brasileira que disputou o Sul-Americano, sentiu que o técnico Brandão estava interessado em observar de perto o seu futebol.

— Me falaram maravilhas desse rapaz, mas nunca o vi jogar.

Joãozinho voltava de uma contusão. Treinou com um pesado agasalho, que sempre veste quando sai do molho. Entrou no time, mas logo botou a mão na coxa e fez sinal para sair de campo. Enquanto isso, do lado de fora, dirigentes do Cruzeiro e da Seleção o alertavam:

— Vai, João, não perde esta chance!

E lá se foi ele para o departamento médico. Não faltou quem afirmasse que estava cumprindo ordens da garota. "Ela não quer que ele viaje", fofocavam.

— Esse pessoal fala muito. Não sou de inventar contusões. É verdade que às vezes não me sinto disposto a treinar, numa moleza danada e não dou duro. Mas estou procurando acabar com isso.

De Garrincha a João

Acabou ficando de fora da lista para o Sul-Americano, pelo menos para os primeiros jogos. Foi chamado para a fase seguinte da competição, mas não jogou. Ficou devendo a Brandão todos os elogios recebidos. Como os que lhe fez Telê: "É o jogador mais perigoso do Cruzeiro".

Agora só pensa em jogar na Seleção que se apresentará em dezembro.

— Tenho de dar tudo, pois ano que vem haverá uma excursão que não quero perder. Meu problema com a contusão na coxa já está resolvido. Tudo parece bem.

Bem até certo ponto. Muitos torcedores ainda o consideram medroso, temeroso das divididas.

— Quando a jogada não é importante, eu pulo mesmo, pois não quero me expor a uma nova contusão na coxa. Mas parto sempre para driblar meus marcadores, vou para cima deles mesmo.

Anos atrás, depois que o Brasil levantou o tri do Torneio de Cannes, um jornal francês lhe concedeu o melhor dos elogios: "Surgiu o novo Garrincha".

Depois vieram os tempos de João, como eram chamados os que tentavam marcar Mané Garrincha. Agora, não quer ser nem uma coisa nem outra. Quer ser o Joãozinho.

— Eu penso demais nos meus pais e nos meus irmãos. O velho é encostado no INPS e recebe pouco. Tenho de ajudar a todos e não me importo, mas preciso garantir o meu futuro com o futebol. Deus me deu preguiça para estudar e jeito para jogar bola. Não posso falhar, pois quando parar com a bola não quero ser empregado de ninguém.

Dinheiro no bolso e uma vida tranqüila, Joãozinho não vai querer saber do que pensavam dele — ou do que ainda continuam a pensar.

— Não tô nem aí. Quero é paz.

Nelinho 1975

Foram dez anos atormentando os goleiros do Atlético com seus chutes impressionantes. Nesse período, cinco campeonatos mineiros e várias convocações para a Seleção. Nelinho só não precisava ter saído para o Galo. Mesmo assim, está entre os imortais do Cruzeiro.

"Estão querendo me matar!"

Dando o seu famoso chute de três dedos: mortal

PARADO HÁ 90 DIAS, COM LESÃO NO NERVO CIÁTICO, NELINHO ESTÁ DESESPERADO. E ACUSA SEUS INIMIGOS: "FIZERAM UM TRABALHINHO PARA ME MATAR"

POR SÉRGIO CARVALHO

Ninguém acreditou no começo. Nelinho, com dores nas costas, sem querer treinar nem jogar?

— Ele está forçando a barra para ser vendido — diziam, em coro, torcedores, conselheiros e alguns jornalistas.

Pois, terça passada, Nelinho completou 76 dias de inatividade, sem qualquer contato com bola. Deitado numa das quatro camas de um apartamento na Toca da Raposa, ele cumpria, nessa terça, mais uma etapa de seu diversificado — e até agora improdutivo — tratamento da lesão no nervo ciático. Injeções, acupuntura, fezinhas várias — nada disso deu certo. Então, autorizado pelo médico Ronaldo Nazaré, do Cruzeiro, Nelinho procurou um "santo", que diagnosticou problemas nos rins, agravando as dores no nervo ciático. Recomendou repouso ab-

CELIO APOLINÁRIO

soluto por cinco dias — e lá estava Nelinho, semana passada, acompanhado pelo massagista Escócio, curtindo um mudo desespero. Sim, porque Nelinho tem um diagnóstico pessoal para o seu drama. Ele explica, sem se alongar na argumentação, sem demonstrar medo:

— Negócio é o seguinte: fizeram um trabalhinho contra mim; e é coisa séria. Fizeram um trabalhinho pra me matar, pra eu morrer, pode crer. Só que não deu pra matar ainda não. E nem vai dar, você vai ver. Podem achar esquisito, mas é isso aí. Estão querendo me matar.

Nelinho fala com a certeza de um iluminado. Tanto que nem estica a discussão:

— Teoria? Nada disso. É certeza, no duro.

Uma certeza tão incômoda quanto a dor que o persegue nestes últimos 76 dias, desde a excursão à Europa. Naquela altura, imaginava que o problema fosse passageiro, que uns dias de repouso seriam suficientes para restaurar seu vigor físico. O início de tudo, segundo o próprio Nelinho:

— Foi em Turim que pintou uma dor terrível. Aí, o doutor me levou ao departamento médico do Torino, onde começou o sofrimento. Tomei uma injeção que tinha cinco agulhas pequenininhas. Foram 25 picadas em um minuto, meu irmão. O médico começou pelas costas, junto à região lombar, e veio descendo. Poxa, como doía! E as injeções continuaram. Só que a dor não passava. Eu já estava ficando cheio. Tomei, no fim das contas, 50 injeções, sem reclamar de nada, só das dores.

Último troféu

As dores aumentando, o desespero aumentando. Em Madri, Nelinho se animou. O nervo ciático continuava a amolar, sim, mas havia um boato de que um clube espanhol estava disposto a comprar seu passe. Assim, disposto a mostrar serviço, Nelinho esqueceu-se da dor e jogou em Vigo, sua última partida na Espanha, sua última partida até hoje. Lembra:

— Dia 16 de agosto, contra o Celta, decidindo o título do torneio. Ganhamos de 2 x 0, o Joãozinho fez os gols. Aí, na entrega dos troféus, anunciaram: "Goleador máximo do torneio: Nelinho!" Levei um bruta susto, porque só tinha feito um gol no torneio. Bom, recebi o troféu — uma lasca deste tamanho — e o entreguei ao Joãozinho, cara que realmente mereceu. Mas como o troféu era muito grande, ele devolveu pra mim. E foi um metro de troféu que eu saí carregando por aeroportos, hotéis, ônibus, todos lugares por onde passamos. Foi a última coisa que fiz no futebol.

Chega de injeção!

Desde então, Nelinho iniciou sua via-sacra em busca da cura. De injeção, ele não queria mais saber:

— Depois daquele monte de injeções em Turim, queriam me aplicar mais dez. Aqui pra eles! Você acha que mais dez, menos dez, iriam resolver o que aquele monte não resolveu? Cansei. Falei pro Ronaldo: "Olha, doutor, não agüento mais! Se a medicina não me cura, vou procurar outros meios". E parei com o tratamento que vinha fazendo. Mas a dor, nada de passar. Tem dia que nem agüento dirigir carro. Não me sinto bem em lugar nenhum. A dor vem descendo pela perna direita, não dá para agüentar. Fiz acupuntura, a dor não passou. Fui para o Rio, entrei numa de repousar, nada.

Até que cruzou com um conhecido, que lhe falou do "santo" do bairro do Horto, em Belo Horizonte. Nelinho foi lá. Barraco pobre, humilde. Disposto a tudo, ouviu o diagnóstico e topou: cinco dias em absoluta imobilidade.

O clube não se manifestou. Certamente, apostando na cura de seu jogador mais valorizado, concorda com qualquer terapêutica — desde que ajude. Nelinho, mesmo assim, vê o tempo passar e o dinheiro fugir por entre as mãos. Sem jogar, não ganha bichos e tem sua carreira cada vez mais encurtada. Desabafa:

"Olha, vou apelar pra macumba. Não posso mudar minha vida, só por que alguém fez um trabalho para me matar"
NELINHO

— É. Esta semana preciso ter uma solução. Não é possível que esta dor continue para sempre. Tem de acabar. Mas já estou desacreditado em tudo. Não acredito mais no que dizem. Faço, mas não acredito. Você vê: esse homem que me receitou o repouso, não acredito que dê certo. Tento, de todas as maneiras, preservar minha fé, acreditar. Mas a gente se desgasta, não é? Quantas soluções já tentei, sem resultado, sempre com o pessoal falando "agora vai" — e nada de dar certo?

Próximo do fim

— Olha, vou apelar pra macumba, se meu tratamento de agora não der certo. Tudo isso vai ter de acabar — do jeito que começou, entende? Não posso mudar minha vida, só porque alguém fez um trabalho pra me matar... Não. Vou continuar lutando, perseguindo a cura sem medo de nada.

Até quando, Nelinho?

Existe elogio maior do que ser exaltado justamente pela maior estrela do time rival? Pois Joãozinho passou por essa experiência. O atleticano Reinaldo mostra nesta matéria a sua veia jornalística e dá uma idéia da importância dos malabarismos de Joãozinho para o futebol.

O futebol de Joãozinho mata a fome do povo

NOS BRAÇOS DO POVO, TODA HORA – ASSIM REINALDO QUER VER JOÃOZINHO, "O HERDEIRO DE GARRINCHA". ELE ACHA QUE O RIVAL É UM ENIGMA, QUE SÓ O POVO PODERÁ DECIFRAR

POR REINALDO

Foi num quarto do hotel das Palmeiras que eu conheci o Joãozinho. Era véspera do jogo da Seleção Brasileira contra o Milan. Antes, eu conhecia o Joãozinho só de cumprimentar, de ver jogar. Para mim, ele era um cara muito desconfiado. Nesse dia lá no hotel ele revelou um pedaço da sua identidade para mim: achei que ele era muito engraçado e que conversava as coisas mais lógicas possíveis (assim como:... "a comida acabou"). Mas que era um cara simples e que mostrava um excesso de preocupação com a família. E, também, um cara que era indiferente ao que o futebol representava para ele e o que ele representava para o futebol.

Eu vi o Zico lá, também. Mesmo já tendo estado com ele nas eliminatórias, cheguei à conclusão de que ele, o Zico, tinha coisas muito mais interessantes para me mostrar que o seu "belo futebol" ou os "20 gols que marcou..." não sei onde. E o Joãozinho era, praticamente, a mesma coisa. Muito mais que jogador. O Joãozinho confunde a gente. É um cara que está condicionado ao que ele representa socialmente, quero dizer do Joãozinho "bom filho" que ele sempre me revelou ser. É um sujeito humilde, condicionado pela família, uma coisa que é boa para ele. No campo, ele se revela um moleque mesmo, um anarquista. Se ele fizesse as mesmas coisas dentro de casa, seria uma loucura.

Ele não pôde jogar contra o Milan. Estava machucado. Foi aí que eu percebi que ele era indiferente ao futebol. Jogar ou não jogar, para ele, era a mesma coisa. Agora, entretanto, fico feliz de saber que ele mudou. Que ele tomou consciência do que representa para o futebol. Hoje, ele não aceitaria ficar de fora daquele jogo. Isto quer dizer que a gente, todo mundo, ganha muito mais porque vamos ver o Joãozinho completo. O verdadeiro ponta-esquerda, deixando desconhecida, ainda, a sua verdadeira identidade. Para mim, pessoalmente, ele é ainda enigmático. Raramente me encontro com ele. Não quero dizer que seja um cara problemático, ele só não se revela em público inteiramente como se revela para a sua família.

O Joãozinho, dentro de campo, a gente não pode imaginar o que vai fazer. Eu fico aflito quando ele pega a bola. Aí, ele torna-se enigmático em dobro. Eu nunca, jamais, conseguiria marcá-lo. Deve ser uma barra pesada ser marcador do Joãozinho, o cara vir pra cima da gente com aquela vontade que ele tem, deve ser horrível.

Desconheço um jornalista, jogador, dirigente ou técnico de futebol e, até, um analista que tenha feito uma descrição exata do que o Joãozinho representa para o futebol, para a Seleção Brasileira e para o povo. Talvez sua mulher fosse mais coerente e feliz para definir o que é o João.

Eu nem imagino o que o Joãozinho seria para o povo se ele fosse do Atlético. Não sei, pois não vejo o Joãozinho em todas as partidas, mas acho que ele é mais alegre que eu para jogar futebol. Faz coisas mais agradáveis com a bola e eu não entendo como ele não consegue permanecer em evidência como eu permaneço. Acho que é porque não é atleticano. Acho que ele só não é o ponta da Seleção por causa disto.

Talvez ele devesse arriscar um passo além. É um jogador que não faz política. Não é um político, é muito humilde. Ele foi colocado numa condição de ídolo e deveria representar o papel de ídolo. Ele tem de satisfazer a expectativa do povo. Ele tem de receber o povo. O povo espera do Joãozinho alguma coisa além do futebol. Só quem é crítico de futebol e quem vive o futebol é que sabe o que o Joãozinho representa para o futebol. Quem está longe não conhece o valor dele, não sabe o que ele poderia fazer para o povo e o país. Se há uma festa no Palácio do Governador, eu sou chamado, o Nelinho é chamado, o Toninho Cerezzo é chamado, mas o Joãozinho é esquecido.

A grande torcida que eu tenho é de crianças. Menino é muito mais sincero. É até um conselho: o ídolo é tratado desde quando o torcedor é criança. Para o Joãozinho faltou isto. Uma base onde ele pudesse se apoiar. Se a criança gosta, o pai gosta. A torcida do Cruzeiro gosta do Joãozinho só no Mineirão. Fora do Mineirão ele é uma dúvida.

Se a gente que está dentro de campo nem consegue explicar o Joãozinho, imagina o povo, que está de fora. Ele é capaz de tudo. Até de não deixar o Nelinho bater uma falta, como naquele jogo contra o River Plate, lembram-se? Ele deu a Libertadores para o Cruzeiro.

Se o Joãozinho fosse do Atlético, seria uma coisa tão maravilhosa que, agora, eu não consigo imaginar como a torcida poderia festejar os seus dribles e suas jogadas... acho que seria uma loucura... como é que ela, a torcida, se dividiria com tudo isto, os reinaldistas, os cerezzistas e os joãozistas? Ele dividiria as opiniões. Eu seria um aliado, com o seu futebol genial.

E ele ganharia o que lhe falta: uma torcida joãozista. E liberdade. Liberdade para jogar o seu futebol antitático, que desequilibra, que é do passado, uma reencarnação do Garrincha, que ninguém acredita que possa voltar de outra forma, na forma Joãozinho. Um futebol que faz falta à Seleção Brasileira, que acaba com a frustração do povo que gosta de eleger um ídolo que mate a sua fome. ○

Celebrando, contra o River Plate: ele foi o herói da conquista da Libertadores

"Uma reencarnação do Garrincha, que ninguém acredita que possa voltar de outra forma, na forma de Joãozinho"

O acidente de carro que o vitimou, em 1976, no auge da carreira, traumatizou Minas Gerais. Roberto era daqueles pontas velozes, artilheiros e ganhadores. Foi campeão mineiro cinco vezes e também da Libertadores, no mesmo ano de sua morte.

Roberto parte para cima do lateral adversário: garantia de espetáculo

Adeus, álegria

A CAMISA 7 FOI JUNTO COM ROBERTO BATATA. NINGUÉM A USARÁ COM A MESMA GARRA, A MESMA ALEGRIA. E EDUARDO HERDARÁ A VAGA MAIS TRISTE DA HISTÓRIA DO CLUBE

POR SÉRGIO CARVALHO

O jogo estava difícil. A defesa do Alianza se fechou, se desdobrou e conseguiu parar o ataque do Cruzeiro no primeiro tempo: 0 x 0. Zezé Moreira conversou com os jogadores no intervalo. Não apontou o caminho do gol. Apenas mandou que todos jogassem certo. Como estavam habituados, sem perder a calma.

Roberto Batata foi o primeiro a aparecer no túnel. Desviou-se de uma espiga de milho solta por ali, sorriu, foi entrando no belo gramado do estádio do Alianza. Atrás dele vinham Palhinha, Nelinho e Raul:

— O pessoal está meio bravo, não é, xará? Também o time deles está fechadinho ali atrás. Tá ruço. Mas vamos lá.

Palhinha completou:

— Que retranca eles armaram...

Segurando o braço de Palhinha, Roberto Batata caminhou para o outro lado do campo. O empate não o preocupava. Nem a Palhinha. Nem a Jairzinho.

Roberto começa a falar com Eduardo, o apito de Ramón Barreto corta o diálogo.

A retranca continua armada, segurando o Cruzeiro. Até que, aos 17 minutos, Roberto Batata vai para o meio do ataque. Recebe de Palhinha e chuta no ângulo. Pronto, o Cruzeiro encontrou o caminho.

Depois disso foi fácil. Joãozinho fez o segundo e o terceiro, Jairzinho o quarto, quando Batata já estava no vestiário, substituído em campo por Isidoro.

Roberto Batata não sabia. Ninguém sabia, ninguém podia imaginar. Mas foi a última bola que mandou para as redes. Na volta ao Brasil, nas quatro horas e meia até o Rio, ele reclamava. Tinha pressa, que a saudade da mulher Denise e do filho Leonardo era grande. No entanto, teve de esperar duas horas, sentado num carrinho de bagagem no terminal doméstico do Galeão, pelo vôo para Belo Horizonte.

Para matar o tempo, suas tradicionais gozações — as brincadeiras que nunca deixava de fazer com os companheiros, um detalhe da alegria que sempre impôs ao ambiente do Cruzeiro. Quem seria a vítima? Osires — decidiram Batata, Vanderlei, Silva, Palhinha e Raul. O zagueiro ia casar sábado, no Rio. E estava indo para Belo Horizonte, a fim de buscar seu carro e tirar dinheiro no banco.

— Você é doido, rapaz. Depois de uma viagem destas, ainda vai pegar quase 500 quilômetros de estrada? Fica logo aí e pede a alguém para trazer o carro.

Osires levou na brincadeira o conselho. Ninguém falou mais no assunto.

Às 11 horas do dia 13, quinta-feira, o Cruzeiro chegava enfim, festivo, a BH. Roberto Batata foi para casa. A mulher e o filho estavam em Três Corações. Almoçou. telefonou para o pai. Geraldo Monteiro:

— Vou buscar Denise em Três Corações.

Ouviu uma advertência:

— Por que não telefona e pede a ela que venha de ônibus? Você está cansado.

O amigo, o irmão

Mas Roberto já fizera coisa parecida, muitas vezes. No fim de um jogo, de volta de uma viagem, pegava o carro e ia para Juiz de Fora — quando Denise morava lá — ou Três Corações, onde está sua família. Ligou o Chevette, entrou na Fernão Dias.

No quilômetro 182, perto de Santo Antônio do Amparo, a 111 quilômetros de Três Corações, Roberto saiu de sua pista. Vinham dois caminhões. Bateu no primeiro. Perdeu o controle. E bateu de frente no segundo. E foi o fim. Instantâneo.

Explicação? Foi driblado pelo sono

— Isso não existe. Como é que pode acontecer uma coisa dessas, meu Deus? Logo o Batata. Mas não é possível..

Era o desespero de Raul. A notícia espalhava-se. Pela madrugada, já estavam juntos os jogadores do Cruzeiro. Continhamse. Mas, de repente, não agüentaram. Nelinho chorava, Dirceu Lopes também. O choro de Eduardo, o amigão, o companheiro de quarto nas viagens, tinha algo de desespero. O de Piazza e Raul era silencioso, o de Palhinha era de revolta:

— Não posso acreditar. É impossível.

Dirceu Lopes — vizinho de apartamento, amigo de muitas visitas trocadas a qualquer hora e a qualquer pretexto — foi medicado. Custava a controlar-se.

— Amigo? A gente era irmão. Eu o considerava irmão, sangue do meu sangue. Nunca o vi triste — a não ser quando morreram o irmão e, depois, a mãe.

— O Cruzeiro deve guardar a camisa 7 em sua galeria de troféus. Não deve nunca mais entregá-la a outra pessoa. Não a dêem a ninguém. Se ela entrar novamente em campo, vai nos matar de saudade.

Era o apelo de Flávio Anselmo, pela rádio Guarani. No entanto, naquele esquema de enganar os adversários, ele foi inscrito na Libertadores com o número 14, e não o 7 tradicional.

Sua velocidade, seus dribles, seus gols — tudo isso estava fazendo dele um jogador indispensável aos esquemas de Zezé Moreira, indispensável como a alegria que trazia às concentrações, aos treinos.

Zezé estava no Rio. Voltou logo, o velho rosto um pouco mais sofrido.

— Quando recebi a notícia, fiquei desanimado e incrédulo. Como é que essas coisas acontecem? Nós somos como uma mosca. A gente está voando e, de repente, vem uma mão e nos dá o golpe. E estamos no chão. Somos moscas indefesas.

ALBERTO CARLOS

"O Cruzeiro deve guardar a camisa 7 em sua galeria de troféus. Se ela entrar de novo em campo, vai nos matar de saudade"

FLÁVIO ANSELMO, SOBRE ROBERTO BATATA

Seu Geraldo, o pai, briga com a emoção, procura afastá-la com o orgulho que mostra, sempre, ao falar no filho. Lembra coisas que justificam esse orgulho. Uma delas refere-se aos tempos de Iustrich, da disciplina de ferro. Roberto chegou ao treino com uma hora de atraso. Ia justificar-se mas, mal começou a falar, o treinador o interrompeu.

— Não fala nada. Veste a camisa e entra lá. Você eu conheço.

O Roberto de bom coração não podia ficar longe da família. O Roberto implacável com seu senso profissional não podia perder o treino do dia seguinte. Então, era entrar na Fernão Dias, enfrentar o sono. Só que, na sexta-feira, o Cruzeiro não treinou. No sábado, não jogou com o Valério. Mas nesta terça enfrenta a Caldense, na quinta — sem Roberto, mas procurando encarnar o seu permanente orgulho — com o Alianza, buscando a classificação antecipada para as finais da Libertadores.

O primeiro jogo de Batata como profissional, no Cruzeiro, foi uma partida internacional, no Torneio de Montevidéu, em 1971, contra o Peñarol. Ganhou um abraço e um elogio de Tostão:

— Viu como é fácil?

O último jogo, também internacional, contra o Alianza. E os elogios da imprensa peruana: "Jugador para la selección".

Um raro exemplo

O velho Geraldo, 65 anos, curtiu muitos sofrimentos. Outro filho, o Geraldo, que jogava no Washington Wipps dos Estados Unidos, morreu em 1971, quando saltava sobre um rio congelado para fugir ao incêndio do prédio em que morava. Em 1972, perdeu a mulher — quando Roberto estava longe, no Recife, para um jogo do Campeonato Brasileiro.

— Tive sete filhos. Roberto era o caçula. Como jogador, podem ter existido muitos como ele. Como filho, poucos.

Ninguém discute. Todos lembram coisas. Quando Ananias se envolveu no chamado caso Luís Fábio — aquele da falsificação de identidade —, foi Roberto quem sempre o apoiou, até a liberação para a volta ao futebol. Ajudou-o financeiramente, arranjou-lhe trabalhos.

Aos 27 anos, Roberto Monteiro, alegria do Cruzeiro, foi enterrado no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte.

Foram 14 anos de clube e 12 títulos. Só isso? Não, muito mais. Dirceu Lopes desfilou categoria e amor ao Cruzeiro durante todo esse período. Foi rejeitado na Seleção Brasileira? Foi. Melhor para o Cruzeiro, que pode usufruir do talento do mestre por mais tempo.

O adeus do 10 de ouros

LONGE DO MINEIRÃO, ELE ENFRENTOU O DESAFIO. MAS O PASSADO NÃO VOLTOU. DIRCEU SENTIU QUE ERA UMA RELÍQUIA DE UM TIME INESQUECÍVEL. E PREFERIU PARAR POR SÉRGIO CARVALHO

Num dia de novembro, 1963, o treinador Martim Francisco chamou o garoto Nó, franzino, pobre, humilde. Um garoto que viera de Pedro Leopoldo para treinar nos juvenis do Cruzeiro. Martim sussurrou-lhe, paternal:

— Vai moleque, é a sua vez. Vai lá e mostre o que sabe.

Assustado, ele deixou o banco e foi lá para o meio do campo, entrando numa partida contra o Pará de Minas. E entrava numa emergência: estendido na maca, saia o centroavante Tostão, supercílio cortado, camisa 9 manchada de sangue. A mesma camisa, aliás, que voltou a apavorá-lo, dias depois, quando o mesmo Martim Francisco o convocou, camisa 9 na mão, no vestiário do velho estádio JK:

— Você vai entrar no lugar do Tostão. Fique tranqüilo, faça o que sabe. Se algo sair errado, a responsabilidade é minha. Somente minha!

Último da fila, friozinho no final da espinha, lá se foi o menino Nó, entrando em campo, para enfrentar o temível Siderúrgica. Então, o menino Nó, de Pedro Leopoldo, passou a ser o Dirceu Lopes. E foi crescendo, e foi ficando forte, e foi ganhando outros apelidos. E se transformou num dos maiores jogadores do futebol brasileiro.

Pelé e Garrincha

O grande sonho de Nó estava realizado. Ele nem podia imaginar que, um dia, pisaria aquele gramado que, bem criança, via por cima do muro, quando calhava passear na capital com o pai, seu Tito Lopes. Naquela época, jogava nos juvenis do Pedro Leopoldo F.C. Um dia, veio a chance. Alguém abriu:

— Prepare-se, Nó. Vem um sujeito buscá-lo para o Atlético.

Mas o Cruzeiro soube e chegou na frente. Lá se foi o moleque Nó, tímido, franzino, humilde, rumo à glória. Disposto, apesar do deslumbramento, a aplicar as lições que supunha ter aprendido na tevê, vendo Pelé e Garrincha driblarem o mundo inteiro. O garoto Nó foi e venceu. Pela primeira vez em 13 anos, o Cruzeiro conquistava um título juvenil. Era apenas o começo.

Martim Francisco, olho clínico, logo o chamou para os profissionais. Nó passava a ser Dirceu Lopes, com 17 anos de idade. Dois anos depois, inaugurava o Mineirão com um surpreendente estilo de jogar futebol: rápido, genial, inesperado. Um estilo que se incorporou ao próprio Cruzeiro, erigido em grande esquadrão dos anos 60. Um estilo que só não deu certo na Seleção Brasileira, conforme a escrita que se abate sobre alguns craques — feliz no clube, infeliz fora dele.

ALBERTO CARLOS

Contra o Bayer, na decisão do Mundial Interclubes: uma das poucas decepções na carreira de Dirceu

Pois no Cruzeiro sempre ficou a dúvida cruel: qual dos dois era melhor, Tostão ou Dirceu? Como carreira, Tostão chegou mais longe, foi campeão do mundo.

Mas Dirceu foi regular, foi o "controle de qualidade" do Cruzeiro. Ponta-de-lança, ganhou 12 vezes o troféu Guará, dos melhores do ano pela rádio Itatiaia. Foi Bola de Prata, de PLACAR, em 1971, 1972, 1973 e 1974. E colecionou dezenas de títulos, troféus, faixas e medalhas.

Em 1972, Dirceu Lopes começou a se defrontar com as contusões. Primeiro, uma fratura na perna direita, acontecida num jogo em Três Corações. Ao voltar, já não era mais o mesmo. Seu toque de bola não encontrava resposta, pois Tostão não estava a seu lado e ele próprio estranhava a nova formação do time. A torcida começou a cobrar. E, em fins de 1974, foi repentinamente baixado ao banco de reservas. Era o começo do fim.

Inconformado, Dirceu se desentendeu com o técnico Hílton Chaves. E a briga continuou nos treinos da Seleção Mineira, convocada para representar o Brasil na disputa da Copa América. A disputa não terminou bem. O técnico foi dispensado. E Dirceu não chegou ao final da temporada: sofreu uma lesão seguida de ruptura total do tendão de Aquiles, no pé direito.

Por dois anos, Dirceu afastou-se do futebol. Pensou em sua vida longe da bola, relembrou os tempos de profissional, fez um balanço geral de lucros e perdas. Até cumprir um cursilho, que lhe devolveu a fé em Deus, que lhe devolveu a fé nas próprias possibilidades:

— Ainda vou recuperar a beleza do meu futebol.

Hílton e Zagalo

Já não havia tempo, porém. Com 30 anos, tentou ser campeão do mundo pelo Cruzeiro. O que ganhou foi a liberdade do passe — "como prêmio", segundo o presidente Felício Brandi. Transferiu-se para o Fluminense, mas não curtiu mais que a reserva. Tentou um lance final, no Uber-

"Agora, quero apenas viver pacatamente, em São Leopoldo, com a família, meus velhos amigos, jogando minha peladinhas e bebendo uma cervejinha"

Dirceu, com a sua companheira, a bola. Ele nem precisava olhar para ela

lândia. Mas o sonho estava terminando, não havia como prolongá-lo. E, com uma distensão na mesma perna direita, Dirceu Lopes se despediu da bola. Foi o pretexto decisivo para que, enfim, ele possa se dedicar à sua fábrica de camisas, à sua vida mansa em Pedro Leopoldo, às suas preocupações existenciais.

Confessa:

— É. Para mim, é o fim. Acabou-se tudo, uma vida de alegrias e tristezas, mas de muita felicidade. Foram 15 anos que vivi e aprendi coisas que nenhuma escola me ensinaria. Tive minha grande alegria naquela tarde em que entrei em campo pela primeira vez com a camisa do Cruzeiro. Eu sonhava ser jogador do Cruzeiro, queria ser como Pelé. Tive minhas decepções, com Hílton Chaves e com Zagalo, sempre muito políticos. Tive minha revolta, que foi ver o Maracanã vaiar Pelé num jogo da Seleção. Fiz grandes amigos, conheci gente fora de série. Vi o futebol perder a pureza após a Copa de 70: os cartolas descobriram que era bom negócio mexer com o futebol. E vejo acabar, aos poucos, o respeito entre companheiros de profissão. Quando o Cruzeiro esteve no auge, jamais teve de enfrentar a violência dos adversários mais fracos. Hoje, a violência está demais. E vi, também, um juiz tirar do Cruzeiro um título brasileiro: em 1974, Armando Marques acabou com o Cruzeiro no Maracanã. Foi a única vez que tive vontade de dar um soco num juiz. Mas não trago frustrações do futebol, nem mesmo por causa de Seleção. Fiz o possível, acho que nunca decepcionei, mas, infelizmente, só fui titular duas vezes. E só vi dois técnicos independentes: Saldanha e Brandão. Os outros fazem o que a CBD quer. E sinto também que o Cruzeiro não tenha sabido aproveitar a chance que teve de ser campeão mundial. O ambiente, embora poucos saibam disso, era péssimo. Tudo por causa do Zezé Moreira. Um grande técnico, é verdade, mas que não sabia o que queria. Ele estragou tudo. Por fim, estive no Fluminense e no Uberlândia. E fim. Agora, quero viver pacatamente, aqui em Pedro Leopoldo, com a família, meus velhos amigos, jogando minhas peladinhas e bebendo uma cervejinha. Agora vou, enfim, ter a vida que pedi a Deus.

É isso. Pedro Leopoldo recebe de volta o menino Nó. E o futebol perde o Dez de Ouros, o Baixinho, o Dico, o Zé do Milho, o Príncipe. E o futebol perde um pedaço da sua beleza. Perdeu Dirceu Lopes.

Foi o primeiro goleiro a ter coragem de adotar cores berrantes no uniforme. Mas, muito mais que isso, Raul pegava demais. Os mais novos pensam que ele se consagrou mesmo no Flamengo, com o título mundial, mas no Cruzeiro ele levantou nada menos do que 12 taças.

MANOEL MOTTA

Com a camisa amarela, que se tornou depois marca registrada: apelido de Vanderléia

A idade da razão

POR SÉRGIO CARVALHO

ÚLTIMO REMANESCENTE DA GRANDE FASE DO CRUZEIRO, RAUL ENCONTRA RAZÕES PARA SUA FRIEZA: "PARA GOLEIRO, NENHUM MOMENTO É BOM, QUALQUER FALHA É ANORMAL"

Quando terminou o jogo contra o ABC, em Natal, o preparador físico Antônio Lacerda se preparou para pagar o bicho de 1 500 cruzeiros aos jogadores do Cruzeiro. Era o prêmio pelo empate de 2 x 2. Pasta em cima da mesa, folha de recibos, instalou-se no restaurante de hotel. Antes que iniciasse a chamada, alguém sentou-se a seu lado. Era Raul.

Um a um, os jogadores foram chegando. Veio o primeiro, apanhou os 500 cruzeiros, assinou. Antes de se afastar, ouviu Raul dizer:

—Estou te devendo mil e quinhentos...

Veio o segundo, assinou. E ouviu:

— Estou te devendo mil e quinhentos.

E foi assim para todos. Sério, meio entristecido, o goleiro firmava a declaração. Mas também ouvia réplicas do tipo:

— Ora. Raul. Vá...

A intenção de Raul era clara. Afinal, a gratificação poderia ser dobrada, não tivesse ele socado uma bola que caiu aos pés do adversário, que empatou a partida. O resultado adiou a classificação da equipe, tornou-a mais difícil do que parecia. E o Cruzeiro viu-se obrigado a buscar a vaga no desespero, em cima do XV de Novembro de Piracicaba e do Maringá.

O pedido de perdão foi plenamente recompensado, pois o jogo contra o XV mudou a história de Natal. Erivelto e Joãozinho marcaram 2 x 0, perderam gols, mas o goleiro, lá atrás, salvou o time. Fez, ao menos, quatro defesas sensacionais.

Eleito melhor jogador em campo — apesar da vitória — ele saiu para os vestiários, consciente de que a dívida fora regiamente paga. Aliviado, foi dizendo a Flamarion, em tom de brincadeira:

— Agora, vocês me devem três mil...

Não ficou nisso. No domingo, dia 18, a vaga foi decidida contra o Maringá. Bastava o empate, e novamente o ataque celeste se resumiu às pontadas de Joãozinho e algumas tentativas de Eduardo. O time não fez gol. E se não levou, foi porque Raul estava em tarde de graça. Ferreirinha e Itamar tiveram as chances que o Maringá precisava. Mas, com duas brilhantes defesas, o goleiro garantiu sua invencibilidade.

Eleito melhor jogador em campo, outra vez, saiu para os vestiários — um pouco abatido, pois jogou com 38 graus de febre. Repetiu a brincadeira com Flamarion:

— Vocês me devem mais três mil...

Os méritos pela classificação para as finais foram dados a Raul — tanto pelos companheiros como pela Imprensa. Aos 33 anos, ele está na melhor forma de sua carreira e vem agüentando no gol toda a transformação que enfraqueceu seu time nos últimos meses.

Seu valor como jogador e como homem já o marcou numa cidade em que a rivalidade de dois clubes, Atlético e Cruzeiro, se estampa em cada esquina, prédio ou avenida. O paranaense Raul, hoje, é patrimônio de todos os mineiros, um goleiro que tem o direito de falhar — e jamais será crucificado por isto. Um homem, também, que sabe do seu valor e de suas limitações, dispondo-se a viver no perímetro que lhe cabe, sem alimentar ilusões:

— Eu tracei um caminho honesto para percorrer em minha vida. Quero a igualdade para as pessoas. Não somos diferentes quando lutamos para alcançar um objetivo. Eu aceito todas as coisas que acontecem e que podem ser fantasia ou realidade. Eu trocaria o Cruzeiro pela minha liberdade total, porque, quanto mais livre o homem se sentir, mais felicidade ele poderá levar às pessoas. Hoje, estou vivendo alegremente, pois sei que tudo que fiz até hoje — no futebol e na minha vida — foi procurando o certo. Se joguei bem nestas duas últimas partidas, não fiz mais do que devia. Não me considero responsável pela classificação do Cruzeiro. Sou um dos responsáveis, pois a tarefa foi resultado do conjunto. Sozinho, eu nada conseguiria. Seria muita pretensão querer me responsabilizar por isto.

Com 11 anos de clube, Raul é hoje o símbolo vivo do Cruzeiro. Do time que começou a se projetar em 1965, sobraram ele e o presidente Felício Brandi. Sua importância é tão grande que o presidente mandou colorir de amarelo — cor de sua camiseta 1 — uma das cinco estrelas que ilustram o escudo do clube, no seu cartão natalino. Uma idéia que, inclusive, pode se transferir para o próprio uniforme oficial. Será, então, uma fantasia que se transforma em doce realidade.

Raul confidencia:

— Quando faço uma grande defesa, penso no último gol que levei por culpa minha e rasgo meu vale. A defesa de uma bola difícil evita que a gente ouça aquele barulhinho chato que ela faz ao encontrar a rede e sair rolando até parar no chão. Levar um gol tem seu momento. Para o goleiro, nenhum momento é bom. Mas uma falha que a gente comete num jogo é importante, tem uma implicação anormal. O Ortiz, por exemplo. Se ele tivesse levado aqueles gols da decisão, em outras partidas, ninguém falaria nada. Muitas vezes, a gente vê que levou um frango só na segunda-feira, quando sai à rua e o torcedor comenta: "Que frango você tomou, hein Raul?" Se o jogo é importante, a gente fica sabendo na hora.

Com sua experiência, frieza e sinceridade, Raul analisa o Cruzeiro atual de forma surpreendente. Não faz segredo do que pensa, nem para os companheiros.

— Primeiro: os jogadores estão mal escalados. Segundo: há reservas que deveriam estar jogando — note que não estou falando de titulares que deveriam estar no banco. Terceiro: há jogadores que estão em posições trocadas.

Fazendo seu papel, sente-se capaz, até, de questionar sua convocação para a Seleção. Fato que, inclusive, não o seduz tanto:

— Eu estou condicionado a tudo na vida. Estou condicionado para ser ou não ser convocado. A seleção, para mim, não seria hoje a realização, pois já me sinto realizado no Cruzeiro, plenamente satisfeito com o que já fiz aqui. Acho que a minha convocação seria para que a torcida se realizasse: garanto que ela ficará mais contente que eu. É o sonho de todo jogador novo, mas para um velho como eu, poderia ser apenas uma afirmação, entende?

RODOLPHO MACHADO

"Não. Ainda não senti todas as emoções. Falta, para mim, ver o Mineirão em peso me vaiar, me mandar embora de campo"
RAUL

A frieza impressiona tanto quanto a personalidade. Parece até que Raul já sentiu todas as emoções que um jogador poderia sentir. Ou não?

— Não. Ainda não senti todas as emoções. A única que falta, para mim, e ver o Mineirão em peso me vaiar, me mandar embora de campo.

Talvez seja a emoção que irá faltar em sua carreira, até porque a própria galera atleticana, que o vaia com consciência e raiva, não esconde sua admiração por seu futebol discreto e seguro. Onde quer que apareça, é logo cercado. Ouve insultos e elogios, mas jamais perde a serenidade. Chamá-lo de bicha não representa nenhuma ofensa. Ele leva na brincadeira.

Gosta, até, de cultivar a provocação: a placa de seu carro é AZ-2400. Gosta, acima de tudo, da torcida alvinegra do Galo:

— Eu não seria o que sou sem ela.

Há duas semanas, Raul ligou sua Alfa vermelha e arrancou. Na esquina, saiu o grito tradicional da turminha de garotos:

— Galoooo...

Raul, invariavelmente, acena, sem parar o carro. Desta vez, resolveu descer. Sorrindo, gritou para um garoto que corria:

— Venha cá, rapaz. Vamos conversar um pouco. Só quero bater um papo com você, não tenha medo. Sou seu amigo.

Meio desconfiado, o garoto de dez anos foi saindo de trás do muro da esquina.

— Por que é que você grita Galooo sempre que eu passo?

Meio à distância, o garoto replicou:

— Papai diz que nós ficamos por baixo dez anos. E que agora, que estamos por cima, precisamos aproveitar.

— Mas, veja bem — explica Raul — Gritando assim, você não prova que está por cima. Eu não tenho nada com isso, eu detesto futebol, nem penso nisso quando estou fora do estádio, sabe? Quero ser amigo de todo mundo...

O garoto, em cima:

— Mas você é cruzeirense, não pode ser meu amigo.

Raul sorriu, desconsolado. E abriu os braços:

— Venha cá, me dê um abraço!

Com um pulo para trás, o garoto fechou a cara e gritou, hostil:

— Eu não posso abraçar você. Você é cruzeirense.

Raul desistiu. E partiu, em seu Alfa. ⭘

Sério e de boca fechada, ele correu 16 anos atrás da bola pelo seu Cruzeiro. Discreto, não aparecia muito para os menos atentos a seus desarmes e passes precisos. Foi simplesmente oito vezes campeão mineiro e conquistou a célebre Taça Libertadores de 1976.

O verdadeiro homão do cruzeiro

REVELA-SE ENFIM O VERDADEIRO ZÉ CARLOS, QUE POR SÓ FALAR NAS HORAS CERTAS ACABOU COM A FAMA DE CALADÃO. SEU SIMPLES OLHAR PERFILA COLEGAS E CARTOLAS POR SÉRGIO CARVALHO

Foi difícil alguém descobrir um sinal de aborrecimento em seu rosto nos últimos 11 anos. Há tanto tempo ele é o símbolo do homem correto, do bom companheiro, do profissional exemplar. Apesar disso, jamais teve o nome incluído entre as grandes estrelas da companhia — sempre preferiu a liderança discreta.

O Zé Carlos que hoje se mostra um dos grandes fenômenos do Cruzeiro arrancou emocionados elogios do técnico Iustrich, que ao recebê-lo no vestiário após a vitória sobre o Inter, em Porto Alegre, parecia o menino que identificava no jogador:

— Zé, você parece uma criança! Rapaz, você joga como se estivesse começando! Foi maravilhoso! Magnífico!

Não havia quem pudesse contestar o entusiasmo do técnico. Os elogios não o abalaram — respondeu a cada um com umas curtas palavras de agradecimento: era a mesma simplicidade dos últimos 11 anos, a invejável personalidade, a tranqüilidade que caracteriza o craque. Mais que isso: um fenômeno.

Como é que ele, aos 32 anos e 16 de futebol, consegue ser o mesmo do começo, resistente, regular, discreto e humilde?

— Não há segredos. Eu sempre levei a vida com muita simplicidade e procurei acumular as lições que ela me ofereceu, dentro e fora de campo. Não invento; se necessário, me sacrifico em benefício do time, de minha família. Devidamente instruído, cumpro as ordens dos técnicos.

Por isso, muitas vezes foi violentamente criticado pela torcida, que o via jogando mal, enquanto ele apenas cumpria ordens, ainda que em prejuízo de seu belo estilo, mas em benefício da equipe. Para o técnico, ele foi nota 10; para a torcida, 0. Tal qualidade facilitou o diálogo com todos os técnicos e assim ele pôde mostrar a capacidade de encontrar soluções que contentam a todos.

— Muito jovem me descobri capaz de adaptar meu jogo ao de qualquer companheiro que entrava no time e nunca erro quando chego a uma conclusão. Então, quando vejo que os pedidos do técnico não vão ajudar o novo companheiro, mudo minha maneira de jogar — adapto-me a ele, não ele a mim. Não quero comparar-me a eles, mas Pelé, Gérson, Tostão e Rivelino também são dos que se adaptam facilmente ao estilo dos outros. É uma questão de raciocinar rápido. Há jogadores que logo no primeiro treino se entrosam, descobrem jogadas. Caso do Gérson com o Jairzinho; meu com o Joãozinho.

Zé Carlos sempre se oferece para tentar realizar as jogadas que se apresentam muito difíceis para os companheiros — que ele jamais foi de escolher. No meio-campo, sempre jogou indiferentemente como volante ou armador, ao lado de Piazza, Dirceu Lopes ou Eduardo. E nunca lhe faltou o ritmo para dosar energias, de acordo com o jogo. Se o Cruzeiro perde, corre mais, para ocupar maior espaço; se ganha, planta-se mais, defendendo o terreno.

— Foi a experiência que me ajudou a chegar aos 32 anos com a mesma disposição de antes. É muito importante sabermos onde cercar um contra-ataque, onde tentar ganhar a bola, sem maior desgaste. Eu vou na certa. Se vejo que não dá para ganhar ali, procuro imaginar por onde a jogada evoluirá e vou para lá.

Um menino saudável

Ao lado de Piazza, ele formou um meio-campo que supria a insegurança da linha de zagueiros e empurrava o ataque para o gol. Até mesmo nas derrotas históricas — contra o Inter, em 1975, e o Bayern, ano passado — os dois conseguiram se salvar. Hoje, Piazza já não está no time e Zé Carlos mantém o ritmo, ao lado de Eduardo. Há tanto tempo ele joga o mesmo futebol que a torcida já acha natural a sua eficiência, não merecedora de maiores aplausos.

— Torcida é assim mesmo, talvez ela tenha mesmo deixado de confiar em mim e no time, como disseram. De qualquer forma, sempre que converso com torcedores na rua, eles dizem que vamos ser campeões, talvez para incentivar. Acho importante a torcida acreditar, mas nunca jogo para ela. Nunca joguei. Procuro fazer o que o técnico manda.

Mais do que isso: a torcida se encheu de admiração por Zé Carlos, descobriu que o caminho para o bi na Taça Libertadores deve passar por seus pés, por sua saúde.

— Ah, saúde tenho desde criança. Fui criado numa fazenda em Juiz de Fora, na base do leite, carne e verduras. Uma alimentação sadia, que mantive pela vida afora. Não vou dizer que jamais fiz coisas erradas. Fiz, mas, quando descobri que eram erradas para um profissional de fu-

Tantas dificuldades o time enfrentou nos últimos meses — vendas de titulares, outros contundidos por longo tempo —, que afinal ele mereceu o descrédito da torcida: estava velho, cansado e superado. Nem por isso Zé Carlos se deixou abater. E agora ressurge como o líder que não fala, por se considerar "muito mineiro". Mas que é capaz de fazer um companheiro ou diretor qualquer pensar duas vezes quando ele olha mais firme ou faz um simples gesto pedindo silêncio.

Talvez por isso os jogadores gostem de discutir com ele uma nova jogada, até mesmo ouvir seus conselhos. Mas ele não gosta de se impor como líder.

— Quando voltamos do intervalo dos jogos, conversamos um pouco. Mas não digo que devemos fazer assim ou assado, apenas procuro mostrar que o técnico nos pediu esta ou aquela jogada e que temos condições de realizá-la. E como já disse: não contrario decisão de técnico. Às vezes, fazemos uma jogada a mais, que o técnico não mandou, mas tudo depende do momento, da rapidez de raciocínio.

Elogios e mais elogios, Zé Carlos recebe com tranqüilidade. A mesma que toda a vida pautou seu proceder.

— Nunca tive um problema aqui. Já andei com vontade de sair, para ganhar algum dinheiro com a venda de meu passe. Mas nunca forcei a situação, jamais fiquei aborrecido por permanecer. Sempre fiz bons contratos, que eu achava justos. A diferença entre o que pedia e o que o Cruzeiro oferecia sempre foi compensada pelos bichos. No ano que vem, em abril, faço 33 anos. Ganho meu passe. Aí, quem sabe, talvez possa ganhar um bom dinheiro por mais dois ou três anos de contrato. Os últimos de minha carreira? Não sei.

Suando a camisa: incansável, ele foi o motor que empurrou o Cruzeiro na fase áurea do clube

tebol, parei. Algumas vezes nem fiz: vi que outros se davam mal e nem tentei.

Mesmo solteiro, já era de ficar em casa. Saía com o Raul, com o Marco Antônio, mas nunca me excedi. Casei e vivo dentro de meu lar. Por isso acho normal continuar a correr aos 32 anos. Resguardo-me.

Um homem sério, de palavras certas, sempre escutado pelos muitos técnicos que passaram pelo Cruzeiro. Com uma única e surpreendente exceção:

— Não, o seu Zezé nunca foi de muito diálogo com os jogadores. Ele é muito vivido no futebol e, talvez por isso, nunca foi de discutir suas decisões. Mandava fazer isso e aquilo e tinha de ser como queria, achava que ia dar certo. Sacrifiquei-me muito, para atender seus desejos. Zezé Moreira é um técnico muito bom, mas não discutia como o seu Iustrich. Muita gente o acha um ditador, que sua vontade é lei. Não é assim. Seu Iustrich conversa e quer saber a nossa opinião — até já discuti com ele uma jogada e ele concordou comigo. Conheço bem o Cruzeiro, os meus companheiros, sei o que é melhor para nós. Temos muitos aí que também sabem e isso facilita o técnico.

Ano passado, Zé Carlos foi afastado do time em alguns jogos da Libertadores por Zezé — ele não gostou e nem mesmo admitiu ficar como suplente. O problema morreu com o acidente que vitimou Roberto Batata: Eduardo ocupou a ponta-direita e Zé Carlos voltou ao meio-campo, ao lado de Piazza.

"Não invento. Me sacrifico em benefício do time, da família. Devidamente instruído, cumpro as ordens dos técnicos"
ZÉ CARLOS

De qualquer forma, um sonho de Zelão — como o chamam os companheiros. No mais, ele quer levar a vida tranqüila de sempre, seguro com o que o futebol já lhe deu. Respeitado por todos, ouvido pelos companheiros. Na véspera de mais um jogo contra o Inter, mais do que nunca Zelão é um líder.

— O Inter? Parece que ele caiu como o Cruzeiro, perdeu suas opções de ataque. Pelo meio, sem Carpegiani, só ataca pelas pontas — e por ali sabemos nos defender.

O que facilita a vitória do outro — e o Cruzeiro precisa vencer e vencer. O técnico Iustrich conta para isso, mais do que nunca, com seu menino de 32 anos. O seu líder discreto dentro de campo.

Ele chegou ao Cruzeiro num momento difícil. Sem Joãozinho, os torcedores não viam muita saída para o time e sentiam falta dos antigos ídolos. E o garoto chegou fazendo promessas de gols. De fato: gol foi uma coisa que nunca faltou na carreira do cigano Edmar.

POR SÉRGIO CARVALHO

Edmar: "Vou salvar o Cruzeiro"

O TIME ESTÁ EM CRISE E SEM JOÃOZINHO. EDMAR SABE QUE A TORCIDA VAI COBRAR GOLS SALVADORES. MAS NÃO ESTÁ PREOCUPADO COM ISSO. MUITO PELO CONTRÁRIO

— Meu pé direito é uma máquina, e o esquerdo está amadurecendo. Vim marcar os gols que vão salvar o Cruzeiro.

Depois que Evaldo e Palhinha dominaram e tomaram conta da camisa 9 do Cruzeiro, mais de 20 jogadores tentaram apagar a saudade que a torcida ainda sente dos velhos tempos. Nenhum deles, no entanto, teve sucesso. Agora, Edmar, 21 anos, mineiro de Araxá, promete tempos novos e muitos gols. Em sua bagagem, traz os gols que o consagraram artilheiro paulista em 1980, e a fama de ter sido, sempre, desde 1976, no Brasília, o artilheiro de todos os campeonatos que disputou.

Edmar e o Cruzeiro viveram uma longa novela, antes de chegarem a um acordo, na semana passada. Juvenil cruzeirense em 1975, o centroavante pertencia ao chamado "time do futuro", que estava sendo preparado na Toca da Raposa, para reviver os tempos gloriosos e ser campeão mineiro por muitos anos. Desse time, que não passou dos sonhos, Edmar foi emprestado ao Brasília, e depois ao Taubaté. Com os 17 gols marcados no campeonato paulista, despertou a cobiça de grandes times como o São Paulo, Palmeiras, Santos, e até o Anderlecht, da Bélgica.

Foi só então que o Cruzeiro acordou e redescobriu seu craque. Pressionado pela torcida e pelos próprios jogadores, envergonhados com a campanha de 1980, o presidente Felício Brandi garantiu que o jogador voltaria ao Cruzeiro e resistiu ao assédio milionário dos interessados. Mas não foi fácil acertar com Edmar.

— Fiquei na chuva um tempão, lá em Brasília, esperando o Edmar resolver se assinava ou não por dois anos. Vim embora todo molhado e ele não assinou. Tudo porque o São Paulo estava na jogada: eles ofereceram 30 milhões pelo Edmar e eu não aceitei. Ou pensam que eu seria louco de vender o jogador que vai nos dar a Taça de Ouro?

Edmar começa a jogar no Cruzeiro numa hora difícil, pois o time perdeu toda a criatividade que fez dele, anos atrás, um dos melhores do mundo. A torcida está impaciente e revoltada, e a fratura de Joãozinho representa a perda do seu jogador mais regular e brilhante, único fator de desequilíbrio. Nada disso perturba o centroavante:

— Acabei assinando pela metade do que receberia no São Paulo, só que o Cruzeiro vai pagar o meu imposto de renda. Mas vou aparecer mais aqui no Cruzeiro. Podem começar a me chamar de Salvador. Esse negócio de "fase ruim" não me assusta. Lá dentro da área eu já provei que conheço tudo.

Dizem, aliás, que foi exatamente por tocar na imodéstia do jogador que Felício Brandi conseguiu convencê-lo a assinar com o Cruzeiro, dizendo: "Estamos perdendo tempo, e você está sem jogar. Afinal, você quer ou não ser o artilheiro do Brasil?" (Além, é claro, dos 4,5 milhões que vai receber em 15 meses.)

FOTOS AUREMAR DE CASTRO

Edmar nega isso, mas admite que já "estava fominha de bola". E a torcida cruzeirense, embora não o tenha visto jogar, espera ansiosa pelos seus gols:

— Ele tem que entrar logo, pois o Roberto César está em má fase. E ele deve ser bom, porque não é qualquer um que consegue fazer 17 gols num campeonato como o Paulista (José Carlos Rabelo, economista, ex-chefe da torcida).

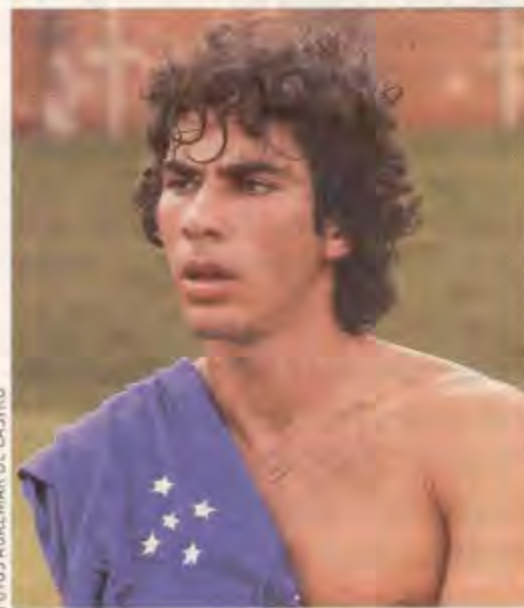
O técnico Cláudio Garcia, que trabalhou com Edmar no Brasília e no Taubaté, e que veio reencontrá-lo no Cruzeiro, só teme o seu excesso de confiança. Mas sabe que Edmar poderá fazer o ataque recuperar a agressividade de outras épocas.

— Pena que o Joãozinho se machucou logo agora.

Roberto César, o goleador substituído, está resignado:

— Só acho que a torcida vai cobrar muito do Edmar e isso pode ser ruim para ele. Mas quero que tenha toda a sorte do mundo.

O fato é que, agora, com um temível goleador comandando seu ataque, o Cruzeiro espera se reencontrar com as vitórias consagradoras. A torcida conta que Edmar possa fazê-la esquecer as faixas que tem levado ultimamente aos estádios; como a que decorou as marquises durante o melancólico empate com o Sampaio Correa: "Felício, o Cruzeiro está morrendo". Indiferente a tudo, Edmar se garante:

— Se alguém tiver dúvidas sobre o meu talento, que vá perguntar lá em Taubaté. E tem mais: se eu estivesse no São Paulo ou no Santos, hoje estaria em Bogotá, com a Seleção Brasileira.

"Se alguém tiver dúvidas sobre o meu talento, que vá perguntar lá em Taubaté. E tem mais: se eu estivesse no São Paulo ou no Santos, hoje estaria com a Seleção"

Edmar, em cena comum, celebrando mais um de seus gols

Ele pegou o tempo das vacas magras, mas ainda assim brilhou, tanto driblando pela ponta-direita, como armando as jogadas, com sua habilidade peculiar, no meio-campo.

Carlinhos herda a estrela de Natal

DESDE QUE A CONSTELAÇÃO DO CRUZEIRO ENTROU EM ECLIPSE, SEUS TORCEDORES NÃO RECEBIAM UMA NOTÍCIA TÃO BOA: A DESCOBERTA DE UM ASTRO

POR SÉRGIO CARVALHO

Exceto na camisa, o Cruzeiro quase já não tem mais estrelas. Uma delas, é certo, ainda brilha, solitária, no modesto Villa Nova, surpreendente sensação do atual campeonato mineiro. Sim, trata-se de ninguém menos do que o veterano ponta-direita Natal, antigo companheiro de Tostão, Dirceu Lopes e Wílson Piazza, na ativa, apesar de seus 35 anos. Mas, segundo ele, os cruzeirenses podem ir se preparando, porque há um novo astro na Toca da Raposa, quase visível a olho nu. Chama-se Carlinhos, tem 22 anos e, como o próprio Natal, veste a camisa 7.

— O Carlinhos é corajoso, técnico, com visão de jogo, dribla muito bem e tem tudo até para resolver os problemas que a Seleção sempre encontra ao enfrentar defesas fechadas — diz. — Ele é craque mesmo.

Sem dúvida, um bom cartão de visitas para Carlos Alberto Izidoro, ex-juvenil de 1,73 m e 65 kg, talvez o único jogador da atual equipe do Cruzeiro merecedor de elogios. Parece incrível, mas o rapaz sempre consegue jogar bem. Costuma dar espetáculos com a bola nos pés, passa por seus marcadores, finta, cruza, cabeceia e normalmente sai de campo aplaudido. A maioria dos gols, em conseqüência disso tudo, sai de jogadas suas.

Assim, não chega a espantar que também o lateral-direito Nelinho — sobrevivente de períodos mais gloriosos do clube, embora no momento longe da melhor forma — endosse e ateste a condição de craque ascendente de Carlinhos.

— Fatalmente ele irá para a Seleção — acredita, convicto.

Torcedores atentos, desses que se deslumbraram com os baixinhos dos anos 60 e aplaudiram os campeões da Taça Libertadores, na década passada, chegam a considerá-lo melhor, tecnicamente, do que Eduardo, que convalesce de um problema na clavícula, e inclusive do que Natal.

Talentoso, aplicado e dono de uma excelente condição física (dá piques de 100 m em apreciáveis 11 segundos), Carlinhos parece mais preocupado em se firmar de uma vez por todas como ponta-direita — os elogios e os sonhos de uma eventual convocação ficam em segundo plano nas suas prioridades pessoais.

Afinal, ele despontou como ponta-de-lança, adaptou-se muito bem à ponta-direita, mas com a contusão de Jair, emprestado pelo Inter de Porto Alegre, teve que voltar ao meio. Agora, às vésperas da chegada do novo treinador, Didi, pretende reivindicar sua fixação com extrema. É o que sabe fazer melhor e não há, em Belo Horizonte, quem não concorde com ele.

No começo foi difícil, é verdade. Sentia-se preso e limitado ao correr junto às laterais. Pouco a pouco, no entanto, aprendeu os segredos da posição. Se convenceu definitivamente ao assistir tapes históricos de seus dois ídolos: Garrincha e, claro, Natal.

— Hoje, eu me sinto um ponta nato, autêntico — confessa. — Percebi que há uma infinidade de jogadas que se pode criar por ali. Ganhei maior experiência e tomei conhecimento da distância exata para os dribles, além da dose certa para os cruzamentos. A linha de fundo é o meu lugar.

E ele se alegra ao constatar que seu esforço está dando resultados:

— Não consigo esquecer de um jogo contra o Uberaba no ano passado. Estava voltando ao time e louco para mostrar tudo o que sabia. Aí, o Mundinho me lançou uma bola, dei três cortes no zagueiro Tim, fui à linha de fundo e toquei para o Mauro marcar. Fiquei empolgado. O lance foi decisivo para mim.

Se tudo correr bem, Carlinhos não largará a posição. E então o Cruzeiro poderá matar saudades de Natal, enfim iluminado por uma estrela de igual grandeza. ●

AUREMAR DE CASTRO

Mãos na cintura, reclamando do árbitro: vítima da violência

"Percebi que há uma infinidade de jogadas pelas pontas. Tomei conhecimento da distância para os dribles, da dose certa para os cruzamentos. A linha de fundo é o meu lugar"

Sua patada de longe ganhou fama. Alguns chegaram até a compará-lo com Nelinho. Geraldão foi três vezes campeão mineiro, chegou à Seleção Brasileira e conseguiu até transferência para o exterior. Mas, fora do país, ele nunca mais foi o mesmo jogador dos tempos de Toca da Raposa.

O BEQUE DO CRUZEIRO OUVE MÚSICA CLÁSSICA, COLECIONA SELOS, TEM DINHEIRO NA SUÍÇA E UMA BOMBA NO PÉ DIREITO

O canhão inteligente

POR ZINHO SIQUEIRA

O ponta-esquerda Joãozinho viu o surgimento do zagueiro Geraldão no Cruzeiro. Acompanhou, na Toca da Raposa, toda a evolução do companheiro. Pouco antes de se transferir para o Atlético-PR, fez uma observação ao atual capitão e artilheiro cruzeirense. "Gê, os goleiros estão pedindo barreira até quando você bate faltas do meio de campo", admirou-se. De fato: quando aquela chuteira numero 43 impulsiona a bola, é um deus-nos-acuda. Aos 23 anos — 13 menos que Nelinho, do Atlético Mineiro, que deverá aposentar-se no fim do ano —, Geraldão firma-se como o novo canhão da Pampulha.

Como Nelinho, Geraldo Dutra Pereira joga na defesa e é destro. Ao detonar a bola, consegue que ela alcance médias de até 108 km/h. Como um carro, correndo 8 km a mais do limite de velocidade estabelecido por lei nas estradas. Geraldão, um crioulo de 1,89 m e 82 kg, diverte-se com o suplício dos goleiros: "Quando estava na barriga de minha mãe já dava os meus chutinhos". Agora, com seus chutões, até a metade da semana passada já havia marcado cinco gols e era um dos principais goleadores da Copa Brasil.

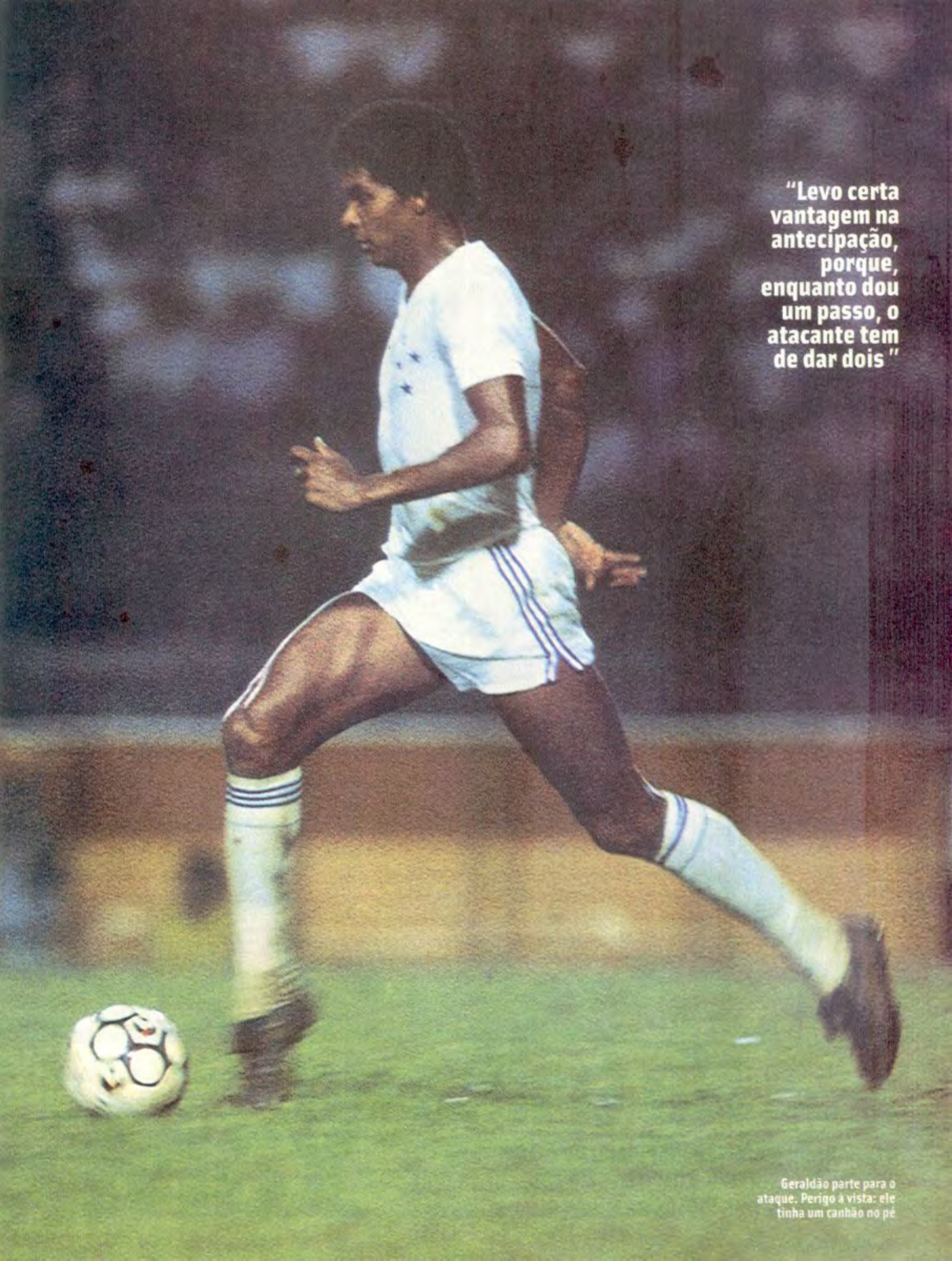
Geraldão nasceu na cidade mineira de Governador Valadares e foi levado para o Cruzeiro há dez anos pelo irmão Tião, um ex-jogador profissional. Na Toca, ele cumpriu todos os estágios. Em 1981, ainda na categoria dos juniores, ajudou a completar o time reserva da Seleção Brasileira que treinava para a Copa da Espanha. Na época, o Cruzeiro alardeava que iria contratar um zagueiro. "Vão é jogar dinheiro fora, porque têm um excelente beque", disse Telê Santana. O elogio era dirigido a ele.

Esta dica do à época técnico da Seleção foi seguida pelos cartolas cruzeirenses. Incorporado ao time de cima, Geraldão disputou o Campeonato Estadual. Ao término do certame, contudo, recebeu um convite das Arábias. Foi chamado para jogar no Al Arab, de Doha, no exótico e petrolífero Catar. Lá, ele passou três anos, ganhou cinco títulos e muito dinheiro. Parte do que recebeu foi empregado na compra de uma fazenda de 20 alqueires em Divino do Traíra, município perto de Governador Valadares. O resto acabou no lugar mais seguro do mundo: uma conta numerada na Suíça.

A mulher e o camelo

O cotidiano de Doha, entretanto, era insosso. Certos prazeres ocidentais viram delito quando examinados pela ótica do Islã. Geraldão alega, por exemplo, que não conheceu nenhuma mulher durante o longo triênio. "Elas andam sempre com um pano no rosto", recorda. Como se sabe, na escala social de alguns países árabes, o sexo feminino ocupa meio degrau abaixo do camelo. Para matar o tempo, passou a jogar tênis e a dedicar-se à filatelia. Orgulha-se de seus mais de 400 selos.

AMANCIO CHIODI

Pouco depois de voltar, foi apresentado a Márcia, com quem se casou há 14 meses. O casal ainda não tem filhos. "Queremos curtir um pouco mais a vida a dois", explicam. Não raro, o zagueirão que chuta uma barbaridade é visto, acompanhado pela mulher, em concertos de musica clássica. "Acho um barato", define sons como o de Ludwig van Beethoven, por exemplo.

Gostam mesmo, porém, é de pegar o carro e dar uma fugida de Belô. Quando podem, acampam perto de uma cachoeira, em Governador Valadares. "Você olha para a água 10 horas sem parar", revela um insuspeitado lado contemplativo.

Aprecia também uma boa pescaria, mas nunca foi visto contando que fisgou lambaris do tamanho de dourados, como Toninho Cerezo ou Rubens Minelli costumam fazer.

É um rapaz modesto. "Sou médio em tudo, até nas finalizações", costuma dizer. "Levo vantagem na antecipação, porque, enquanto dou um passo, o atacante tem de dar dois." Tem imensa satisfação, no entanto, de pegar na bola de jeito e vê-la fazer curvas, enganando os goleiros. E é justamente aí que o Cruzeiro se deu bem ao aceitá-lo de volta — afinal, zagueiros habitualmente são pagos para evitar gols. Quando chuta de direita, quase sempre Geraldão extrapola seu contrato de trabalho.

“Levo certa vantagem na antecipação, porque, enquanto dou um passo, o atacante tem de dar dois”

Geraldão parte para o ataque. Perigo à vista: ele tinha um canhão no pé

Careca 1988

Despontou com uma das grandes promessas do futebol brasileiro e tinha o aval do técnico Carlos Alberto Silva, que o levou para a Seleção. Mas Careca não justificou o apelido. Até conseguiu uma transferência para Portugal, mas os quilos a mais encurtaram a sua carreira.

Sorriso fácil, cuca fresca. Careca poderia ter levado a carreira mais a sério...

Careca
Na trilha do xará

POR BRUNO BITTENCOURT

ELE GANHOU O APELIDO INSPIRADO NO ATACANTE DO NAPOLI. NO CRUZEIRO, COM O MESMO PIQUE DE CRAQUE, O MEIA JÁ É UM DOS ÍDOLOS DE MINAS GERAIS

Ao contar aquela pilha de notas verdes recebidas em Indianápolis, nos Estados Unidos, em agosto do ano passado, o meia Careca se surpreendeu diante da pequena fortuna de 5 000 dólares que tinha nas mãos. O prêmio pela medalha de ouro, que ajudara a Seleção Brasileira conquistar nos Jogos Pan-Americanos, era suficiente para realizar o antigo desejo de comprar um carro.

Seus planos, porém, terminaram ainda em solo norte-americano. Assim que tomou conhecimento da idéia do jovem atacante, o técnico Carlos Alberto Silva resolveu cortá-lo pela raiz. "Seria o fim da picada", recorda Carlos Alberto. "Careca tinha outras prioridades na ocasião."

Deste modo, o destino dos dólares foi a cidade de Passos, distante 350 quilômetros de Belo Horizonte. Ali nasceu Careca, batizado Hamílton de Souza, um garoto que viveu uma infância pobre. Tanto que esperou até os 6 anos para ter sua primeira bola. O dinheiro ganho no exterior serviu para ajudar na reforma da casa de sua família. Por sinal, numerosa — tem cinco irmãos.

Hoje, na condição de grande astro do Cruzeiro, Careca, 20 anos, atribui às bolas de meia, com que costumava disputar inúmeras peladas, sua principal característica: a habilidade.

Graças a ela, seus companheiros acabaram por lhe dar o apelido. "Achavam meu estilo parecido com o do Careca", explica, referindo-se ao ex-jogador do Guarani e São Paulo, atualmente defendendo o Napoli, da Itália.

Aprendizado lento

O treinador do Cruzeiro, o mesmo Carlos Alberto Silva, é pródigo em tecer comparações entre a dupla. Responsável pelo lançamento de Careca no Guarani, também revelou seu xará para a torcida mineira. "Os dois enfrentaram a falta de maturidade, estrutura e mentalidade", conta Carlos Alberto. "Só que o Careca de cá ainda não conseguiu superar totalmente esses problemas."

Mas tudo é uma questão de tempo. "Estou aprendendo a administrar minha vida", rebate Careca. Reconhece, no entanto, que o aprendizado é lento. Uma prova de que está tentando: o Passat em que circula pelas ruas de Belo Horizonte. Só comprou o carro há poucos meses e, é claro, com o aval do treinador, que o orienta na aplicação do salário recebido mensalmente. "A maior parte vai para a poupança, pois pretendo adquirir um imóvel", conta Careca.

A preocupação com questões domésticas, aliás, vem de longa data. Quando se profissionalizou, em janeiro do ano passado, ele foi morar num apartamento mantido pelo clube. Logo recebeu a incumbência de lavar os pratos. "Era um martírio", recorda-se. A medida que subiu os degraus do sucesso, no entanto, aproveitou para barganhar uma nova função nas tarefas domésticas. "Hoje, sou o xerife", brada, divertido. Eu me certifico se tudo está no lugar. Se por acaso achar que falte algo, dou as ordens."

Até agora, ninguém reclamou. "Ele é a garantia dos nossos bichos", graceja o lateral e amigo Balu, seu fiel companheiro nas rodas de pagode, nas quais Careca é um ritmista de primeira. O centroavante Hamílton, com quem trava uma saudável briga pela artilharia do Campeonato Mineiro, não poupa elogios ao colega de equipe. "É um atacante que sempre joga para frente", observa.

"Os dois (Carecas) enfrentaram a falta de maturidade, estrutura e mentalidade. Só que o de cá não conseguiu superar"
CARLOS ALBERTO SILVA, SOBRE AS SUAS DESCOBERTAS

De fato, o meia esbanja qualidades dentro das quatro linhas. Além da habilidade, possui técnica e raciocínio rápido. "Ele tem tudo para ser perfeito", acredita Carlos Alberto Silva. "Em nosso time, é o que possui menor percentual de gordura", avalia o preparador físico Ricardo Drubscky, que acena com os 82 kg e 1,83 m do craque para desfazer a imagem de jogador pesadão. Medidas privilegiadas, Careca conta ainda com um incrível par de grossas coxas — 62 cm de diâmetro. O corpo do atleta, por sinal, é um de seus orgulhos. "As mulheres gostam", diz, com ar encabulado. Mas faz questão de manter em segredo o nome de sua namorada atual.

Maníaco por televisão, Careca não se furta, porém, de sair pela noite. "Continuo gostando de dançar", afirma. Também costuma ir ao cinema e restaurantes, e revela ser um freqüentador assíduo de shopping centers. "Sempre gostei de me vestir bem", assume, com certa vaidade. "Mesmo quando era pobre, procurava andar arrumadinho."

Além de ardiloso, Careca provou que nasceu com a estrela da sorte. E do talento. No ano passado, quando estreou como profissional, pôde comprová-la pelo menos em três ocasiões. No clássico contra o Atlético — na decisão do título estadual — fez o primeiro dos dois gols da partida. Os torcedores o consagraram como o responsável pelo triunfo. Em São Paulo, no jogo contra o Santos, dia 22 de novembro, surgiu feito um raio aos 47 minutos do segundo tempo para fazer 1 x 0 e colocar o Cruzeiro nas semifinais da Copa União. Por fim, nos jogos Pan-Americanos de Indianápolis, deu o passe para Washington marcar o primeiro gol da vitória de 2 x 0 sobre o Chile, durante a prorrogação.

Autoconfiança

Até a semana passada, seus dez gols assinalados lhe garantiam a vice-artilharia do Campeonato Mineiro. "Acredito muito em mim", diz Careca. "Não tenho medo de tentar o lance individual". Antes de tudo isso, houve um dia em que também quis mostrar boa parte de sua autoconfiança. A Seleção Brasileira treinava na Toca da Raposa para a Copa do México, em 1986. Como faltavam jogadores, Telê Santana pediu alguns garotos dos juniores do Cruzeiro para completar o time reserva. Prevendo confusão, ele se apresentou como Hamílton. Fez questão, no entanto, de se aproximar do centroavante titular do Brasil e revelar seu apelido. "Pode crer", reagiu, receptivo, o então camisa 9 são-paulino. "Com dois Carecas em campo, vai ser demais." O xará do Cruzeiro abriu um enorme sorriso.

Sem dúvida, estava na trilha certa ○

NÉLIO RODRIGUES

Passadas largas: Careca dependia de sua condição física para triunfar; pena que se descuidou dela

EUGÊNIO SÁVIO

Um apanhado na brilhante carreira do maior jogador do Cruzeiro em todos os tempos. O começo desacreditado, os tempos de glória, o problema no olho, a reclusão em benefício da medicina. Por trás de tudo, o amor de Tostão pelo clube azul.

POR ROBERTO DRUMMOND

Tostão O inventor de espaços

A ELE BASTAVA UM PALMO DE GRAMA PARA ENCANTAR O MUNDO COM DRIBLES E GOLS JAMAIS SONHADOS ANTES

Cena 1: uma sexta-feira de 1963. A Basílica de Lourdes, em Belo Horizonte — a preferida para os casamentos da tradicional família mineira — começa a viver um grande suspense. A noiva, Maria Lúcia Thompson Silva, depois do atraso habitual de 20 minutos, já está no altar. Mas cadê o noivo, Felício Brandi, jovem dirigente do Cruzeiro? Já se passaram 45 minutos e Brandi ainda não chegou. A noiva começa a suar, estragando a maquiagem. O bispo de Belo Horizonte, dom Serafim de Araújo, famoso por seu amor pelo Atlético, e que vai oficiar a cerimônia, dá os primeiros sinais de nervosismo.

Cena 2: dom Serafim consulta o relógio. O noivo está atrasado 55 minutos. Ele vai esperar mais cinco minutos: se Felício Brandi não chegar nesse prazo, dom Serafim sente muito, mas vai ter que adiar o casamento. O médico da família Thompson Silva, temendo um desmaio da noiva, toma posição ao lado de Maria Lúcia. "Calma", aconselha o médico. "O importante é não perder a calma."

Cena 3: as versões mais desencontradas circulam na Basílica de Lourdes para explicar o atraso do noivo. Falam até que ele fugiu com outra. Ou que desistiu do casamento à última hora.

Cena 4: dom Serafim olha o relógio. O noivo está atrasado 60 minutos. Ele vai dar um minuto de prorrogação. Se Brandi não aparecer, não haverá casamento.

Cena 5: um zunzunzum anuncia a chegada do noivo. Mais do que a noiva, quem o recrimina com o olhar é dom Serafim. "O que aconteceu, Felício?", sussurra dom Serafim. "Eu estava contratando o Tostão, do América, dom Serafim", justificou-se Felício Brandi. "Por isso é que atrasei." "Quanto você pagou por ele?", sussurrou novamente dom Serafim. "Um milhão e meio, dom Serafim." "Você enlouqueceu, Felício", seguiu dom Serafim. "É muito dinheiro." "É nada, dom Serafim, o senhor vai ver."

Felício Brandi tinha razão: além de fazer o noivo chegar depois da noiva, o que nunca havia acontecido num casamento mineiro; Eduardo Gonçalves de Andrade (hoje médico e professor da Faculdade de Ciências Médicas em Belo Horizonte) transformou o Cruzeiro num time mágico. Formou o lendário tripé com Piazza e Dirceu Lopes, e, enquanto vestiu a camisa azul do Cruzeiro, o Atlético de dom Serafim não teve vez. "Por mais que eu reze", confessava dom Serafim, "não tem jeito. Esse Tostão é mesmo infernal."

Tostão sempre foi um especialista em transformar dois palmos de grama num latifúndio onde encantava o mundo com suas jogadas. O melhor exemplo disso é o gol de Jairzinho contra a Inglaterra, na Copa do Mundo de 70. Em pouco mais de um metro, Tostão driblou Bobby Moore por baixo das pernas e, no meio de três ingleses, girou o corpo em 180 graus, para passar a bola para Pelé, sem encenação, na marca do pênalti. Daí o toque macio para Jair fuzilar o goleiro Banks. Tostão aprendeu a jogar em tão estreitos limites ainda criança, aos 6 anos, no timinho da Associação Esportiva Industriários, no conjunto do IAPI, em Belo Horizonte. Era tão pequeno — os outros jogadores, incluindo o irmão Cacau, passavam dos 10 anos — foi exilado na ponta-esquerda, uma posição desprezada, e ganhou o apelido de Tostão, moeda já então desvalorizada; mas, quando pegava a bola, saía driblando por uma floresta de pernas. "Eu ameaçava jogar uma pedra nos jogadores que errassem", recorda o técnico Itaúbes Vilela. "Mas nunca tive que ameaçar Tostão."

ANDRÉ BRANT

Tostão, ou melhor, doutor Eduardo: ele não conseguiu ficar muito tempo longe do futebol

Dos tempos do conjunto IAPI, Tostão herdou, além da capacidade de jogar em espaço curto, um vício: chutar apenas com o pé esquerdo. Do IAPI foi para o juvenil do América de Minas, clube que até hoje acusa o ex-presidente do Cruzeiro Felício Brandi de ter roubado o jogador. O técnico Biju ensinou muito a Tostão. Mas o vício de usar apenas o pé esquerdo continuou, tanto com o técnico Crispim, no juvenil do Cruzeiro, quanto com Aírton Moreira, já no mitológico Cruzeiro da era do Mineirão. "É um gênio, um jogador maravilhoso", diziam todos. "Só tem um problema: é cego do pé direito."

Era uma espécie de fixação infantil. Na verdade, Tostão machucou uma unha do pé direito aos 6 anos e desde então ficou com um trauma, que só foi enfrentar, de fato, em 1966, quando chegou à Seleção Brasileira que naufragou em Liverpool. Uma tarde, o preparador físico Paulo Amaral, um homem solene, aproximou-se de Tostão cheio de formalidades: "Preciso ter um particular com você, Tostão".

Afastaram-se dos curiosos e, então,

Ao lado dos colegas que tantas glórias deram ao Cruzeiro: foram nove anos de clube e sete títulos conquistados

Paulo Amaral foi franco. "É inconcebível, Tostão, que um craque da sua qualidade, um gênio reconhecido por todos, não saiba chutar com o pé direito."

Ao voltar ao Cruzeiro, depois do naufrágio da Seleção em Liverpool na Copa de 66, Tostão se impôs uma penitência: todo santo dia, dava duzentos chutes com o pé direito, depois dos treinos. E, sempre recordando o conselho de Paulo Amaral, jamais desanimava. Quando chegaram as eliminatórias de 1969, para o Mundial de 1970, Tostão foi o artilheiro da Seleção Brasileira de João Saldanha, com dez gols. E sentiu um orgulho particular: "A maior parte dos gols eu fiz com o pé direito".

Era então um gênio na sua plenitude. O herdeiro de Pelé, um vice-rei, aguardando o momento de assumir a coroa, quando Sua Majestade abdicasse do trono. Apesar da habilidade de driblar em espaços curtos e de seu grande senso de oportunismo, era a sua inteligência em campo que mais encantava a todos. "Poucos jogadores sabiam abrir espaços como Tostão fazia", testemunha o bicampeão mundial Didi. "Ah! Que inteligência!", lembra embevecido Nílton Santos.

Mas Tostão, na verdade, era muito diferente de Pelé. Seu companheiro de quarto na Toca da Raposa, a concentração do Cruzeiro, o goleiro da camisa amarela, Raul, fã da Jovem Guarda, queixava-se: "Eu não agüentava mais ficar ouvindo Nara Leão, Chico e Geraldo Vandré ficarem falando em terra, pão e liberdade, nas músicas que o Tostão gosta de ouvir".

"Eu só tinha medo que as pessoas confundissem o ex-jogador com o médico que estava nascendo"

TOSTÃO, JUSTIFICANDO O SEU AFASTAMENTO TEMPORÁRIO DO FUTEBOL

Elogiava dom Hélder Câmara quando isso era proibido pelo regime militar. Defendia a reforma agrária e uma melhor distribuição de rendas nas entrevistas. E era o único jogador do Cruzeiro, logo ele, a estrela do time, que não dava um pulinho para entrar com o pé direito no campo, como faziam os outros jogadores. E jamais ia ao pai-de-santo do time, para desconsolo do técnico do Cruzeiro, Aírton Moreira.

Tudo corria bem para Tostão. Estava milionário, famoso, ninguém duvidava que era um gênio. Até que aconteceu a jogada fatal com Ditão, em 1969, no Pacaembu, no jogo Cruzeiro x Corinthians. Uma rebatida do zagueiro corintiano explodiu contra seu olho esquerdo. Descolou a retina, no lance com Ditão, foi operado pelo doutor Roberto Abdalla Moura, em Houston, e nunca mais foi o mesmo. Brilhou na Copa do Mundo de 1970, é verdade, jogando com e sem bola.

Mas seus dias estavam contados. Já no Vasco, depois de se recusar a jogar no Cruzeiro tendo Iustrich como técnico, só exerceu seu maravilhoso futebol por pouco menos de um ano, depois da conquista do tri, em 1970. Em 1973 deu adeus ao futebol. Longe das chuteiras e dos estádios, formou-se em Medicina. Já não dava entrevistas e foi chamado de Greta Garbo. Seu silêncio, quebrado mais tarde, escondia um segredo: ele, Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, era fiel, mesmo distante, ao brinquedo mais amado que ganhou na vida — a bola, que ele, um amante da liberdade, contraditoriamente transformou em escrava a seus pés.

Ele ficou só dois anos no Cruzeiro, ganhou apenas o Mineiro de 1994, mas ninguém se esquece, por exemplo, dos cinco gols que fez contra o Bahia, no Mineirão, já dando pistas da sensação que viria a ser. Na época da matéria, Ronaldo já estava no PSV, mas ele não poderia ficar de fora desta lista.

O garoto Ronaldo está com tudo

LÁ NO PSV, DA HOLANDA, O ARTILHEIRO JÁ CONSEGUIU O QUE TODO RAPAZ DE 18 ANOS SEMPRE SONHA. FAMA, TORCIDA A FAVOR, UMA NAMORADA BONITA, CARRÕES E MUITO DINHEIRO

POR MILTON ABRUCIO JR.

Ali estava ele. Bem instalado num quarto de hotel cinco estrelas, com todas as mordomias à mão, visto como o novo ídolo de um importante clube europeu, tendo a conta bancária abastecida por um salário de 1 milhão de dólares por ano. Para completar o cenário daquela noite, a bela namorada ao seu lado, na cama. O que mais um rapaz que ainda nem completara 18 anos poderia querer? A mãe, é claro! "Eu ouvi uns barulhos estranhos e pensei que era assombração", lembra o atacante Ronaldo, ex-Cruzeiro e desde agosto do ano passado titular do PSV Eindhoven, da Holanda. "A gente foi dormir no quarto da minha mãe, que também estava hospedada lá."

Nove meses se passaram, as visitas do além acabaram — a família vive agora num confortável apartamento de três dormitórios — e Ronaldo Luis Nazário de Lima se firmou como destaque do PSV. Virou artilheiro, com 24 gols em suas 26 primeiras partidas. No estádios, a torcida saúda o camisa 9 com um grito estranho de "U-Rrronaldo, Ô, Ô!" Mesmo a complicada língua holandesa está sendo driblada à custa de duas horas diárias de aula, ministradas pelo padre Tiago Koos Bout. Esse catecismo gramatical dá bons resultados e ele até concede entrevistas ao final dos jogos. Com isso, o rapaz se sente livre do fantasma da adaptação no exterior e, para falar a verdade, já tem outras preocupações. É coisa pouca. Problemas de quem recebe cerca de 80 mil dólares por mês sem contar prêmios. Ou você, com tanto dinheiro na mão, ficaria satisfeito em ter uma coleção de "apenas" 1000 CDs? Outro dia, Ronaldo corria a cidade atrás de um som novo para o Vectra, carro cortesia do PSV. Igual ao da perua Jepp Cherokee, que ele acabara de comprar por 60 mil dólares. Os olhos do menino brilham diante de uma vitrine. Ele vai se enchendo de bonés, camisas, jaquetas, tênis. Perdulário, Ronaldo é capaz de comprar uma raquete na hora só para ter uma companhia no jogo de tênis. A sanha consumista beneficia gente como Ailton Santana, amigo de dona Sônia que deixou o Rio de Janeiro e está morando com a família. "Pega uma para você também, Ailton," mandou o atacante num desses passeios. Fazer o quê? O Ailton pegou. No caso, uma jaqueta de couro de 500 dólares.

Quem vive ganhando presentes de Ronaldo é a namorada Nádia França. Depois de um rápido retorno a Belo Horizonte, ela trancou a matrícula na faculdade de psicologia e voltou a fazer marcação cerrada sobre o amado. Ronaldo combina uma sincera afeição por Nádia, que aparece em quatro porta-retratos em seu quarto, com o fogo natural da idade. Daí, surgem novas dificuldades. Por exemplo: "Não consigo usar camisinha. Já deixei de transar com muita garota por causa disso." Ronaldo jura que é homem de uma mulher só, "pois elas dão trabalho demais".

Tudo bem. Até dá para acreditar. Mas então para que procurar um apartamento novo? "É para montar um matadouro. Sabe como é... Morando com a mãe não dá."

Num passado recente, o PSV tinha outro brasileiro: Romário. Domênico La Sala, dono da cantina "La Grotta Azurra" e amigos dos dois jogadores, define: "Ronaldo é mais tranquilo." Essas comparações são inevitáveis. Ainda mais, quando você atua no mesmo clube, na mesma posição e vem do mesmo país. Com o passe vendido por 6 milhões de dólares (o mesmo que os holandeses pagaram por Romário), Ronaldo tem um missão difícil. Em cinco temporadas pelo PSV, Romário conquistou três títulos nacionais, três troféus de artilheiro do campeonato; além de vencer a Copa dos Campeões em 1988. Saiu de lá em 1993 para ser campeão espanhol pelo Barcelona. Sem falar da consagração na Copa de 1994, nos EUA, o mesmo mundial que Ronaldo, então com 17 anos, assistiu do banco de reservas. O menino não participou de nenhum jogo, mas acabou envolvido numa das maiores negociações da história do futebol brasileiro. Só com os 15%, levou 900 mil dólares.

Há dois anos, o mesmo passe custou 7 mil dólares. Foi o que uma dupla de empresários pagou para tirar o menino do São Cristóvão, pequeno clube carioca, e levá-lo ao Cruzeiro. Em Minas, ele virou artilheiro e melhor jogador do Campeonato Sul-Americano juvenil de 1992 e, no ano seguinte, já no time principal, marcou 12 gols no Campeonato Brasileiro. Isso aos 16 anos. Em 1994, foi campeão e artilheiro mineiro com 20 gols. Não demorou muito e os holandeses apareceram. Resumindo: em dois anos, o passe de Ronaldo saltou de 7 mil para 6 milhões de dólares.

O dinheiro vai trazendo felicidade para a família Lima. Ronaldo comprou dois apartamentos na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Um é dele. O outro fica para o irmão mais velho, Nélio. Quem cuida do apartamento em São Cristóvão, também no Rio, é a irmã Ione. Aquele Gol 1000 que o jogador ganhou depois da Copa, assim como todos os tetracampeões, ficou para o pai, seu Nélio, que vive separado de dona Sônia. Essa ex-balconista de sorvete-

Cumprimentando Reinaldo, do rival Atlético, outro que despontou como "fenômeno" em Minas Gerais: só o artilheiro cruzeirense vingou

ria agradece até hoje a desobediência do filho. "Eu não queria que Ronaldo parasse de estudar para jogar bola", lembra.

Hoje o menino da dona Sônia dá menos trabalho. Difícil é achar carne para fazer uma feijoada ou compreender a labiríntica língua local. A direção do PSV fez a gentileza de pregar esparadrapos nos móveis e aparelhos elétricos — todos da Phillips, patrocinadora do clube — com seu nome em holandês. Para maior satisfação materna, Ronaldo não é fã de madrugadas na rua. Por vezes, ele fica horas estatelado no sofá de couro preto, ouvindo sambas-enredo cariocas. Assiste a vídeos laser de Madonna ou Michael Jackson, faz aulas de tênis e, vez ou outra, desembarca na danceteria Dans Salon, um misto de pub inglês com discoteca, repleto de loiras adolescentes. O assédio dos fãs não o importuna, até porque ele quase não existe. "Aqui o pessoal é bem diferente", explica. E as diferenças incomodam? "Não entro nessa de ficar querendo estar numa praia no Rio" responde, na lata. "Quero garantir o meu futuro e vou cumprir o contrato." O menino, pelo jeito, tem a cabeça no lugar.

Saiu pela porta dos fundos do São Paulo, enfrentou as comparações com o outro Palhinha, mas venceu na Toca da Raposa. Foi comandante do time que conquistou a Copa do Brasil, em 1996, e a Taça Libertadores, no ano seguinte. De quebra, levantou o bicampeonato mineiro.

A busca da taça

DEPOIS DE UM PERÍODO DE TREVAS, PALHINHA OUVIU A PROFECIA DE QUE ENCONTRARIA A REDENÇÃO NUM TIME TALHADO PARA VENCER TORNEIOS

POR SÉRGIO RUIZ LUIZ

Conta o Antigo Testamento que Jó era o comerciante mais próspero do Oriente Médio. Por obra de Satanás, a desgraça se abateu aos poucos sobre a cabeça de Jó. Seus filhos morreram. Perdeu toda a fortuna. Depois, foi contagiado por uma lepra e chegou ao fundo do poço. Mesmo assim, manteve sua fé inabalável em Deus e, como recompensa, ganhou em dobro tudo o que lhe foi tirado. O atacante Palhinha, o craque do Cruzeiro na conquista da Copa do Brasil, é um evangélico fervoroso e adora citar a história bíblica pois enxerga semelhanças entre ela e sua saga recente nos campos. Uma das estrelas do time do São Paulo que levantou o bicampeonato mundial, o jogador terminou o ano de 1993 saboreando a fama. "Fiquei deslumbrado", conta Palhinha. "Parei de ir à igreja para freqüentar festas, shows, cinemas, restaurantes."

O castigo divino não tardou. Após desperdiçar o pênalti que poderia dar ao São Paulo o tricampeonato da Taça Libertadores da América, a vida do craque entrou em parafuso. Perdeu o lugar na Seleção que disputaria a Copa dos Estados Unidos, foi excomungado pela torcida tricolor, esquentou banco e parecia acabado para o futebol. Mas, a exemplo de Jó, mesmo diante da desgraça, Palhinha conta que manteve a fé. Voltou a freqüentar os cultos e diz ter ouvido da boca do pastor Arlen Vilcinskas, seu guru espiritual, uma previsão redentora: "Deus vai honrar você em sua própria terra".

Nessa época de trevas chegou até a receber propostas tentadoras para se transferir para o Corinthians e o Grêmio, mas brigou com os cartolas do São Paulo, que fixaram seu passe em absurdos 4 milhões de dólares. Meses depois, para sua surpresa, o mesmo São Paulo aceitou negociá-lo a preço de banana com o Cruzeiro, por 500 000 dólares. "Acharam que eu desapareceria de vez disputando o Campeonato Mineiro", afirma. O jogador topou a transferência ao lembrar as palavras do seu pastor. Tudo se encaixava. Ele havia começado a carreira no América mineiro e, segundo a profecia, a redenção profissional viria no momento do reencontro com suas raízes. Começava ali a busca da Copa prometida. Ao chegar ao Cruzeiro, encontrou um time formado por um punhado de jogadores renegados por seus clubes de origem e uma fornada de jovens talentos. No primeiro treino, o técnico Levir Culpi arrastou o atacante para um canto sossegado da concentração da Toca da Raposa e aproveitou para alertá-lo: "Você precisa ganhar um título por aqui para reconquistar o mercado para o seu futebol". Mostrando lampejos do brilhante futebol que exibia em sua melhor fase do São Paulo, Palhinha liderou o time que passou por cima de Vasco, Corinthians e Flamengo. Mas nada seria como a inesquecível vitória diante do badalado Palmeiras.

EUGÊNIO SÁVIO

Contra o Vélez, pela Taça Libertadores: três anos depois, ele se vingou dos argentinos

Tudo parecia dar errado para Palhinha e o Cruzeiro na reta decisiva. Primeiro, o time não passou de um empate em 1 x 1 com o Palmeiras na primeira partida das finais, em pleno Mineirão. Para piorar ainda mais as coisas, o jornal paulista *A Gazeta Esportiva* estampou em manchete uma entrevista em que Palhinha afirmava que seu ex-técnico, Telê Santana, famoso por ser um disciplinador implacável, costumava chegar bêbado à concentração do São Paulo. "Nunca falei isso", irrita-se Palhinha. Telê, porém, declarou depois à imprensa que acreditava no conteúdo da entrevista, mas perdoou o ex-pupilo pela incontinência verbal.

Nesse clima, o Cruzeiro entrou no Parque Antárctica para a decisão. Tomou um gol aos 6 minutos de jogo e, quando parecia destinado a levar uma sova histórica, ressuscitou em campo e virou a partida, para surpresa de todos. Palhinha, depois de festejar com os companheiros em Belo Horizonte, pegou um avião para São Paulo e foi até a igreja do seu pastor Arlen Vilcinskas. Fez questão de presenteá-lo com a medalha que recebeu das mãos do presidente Ricardo Teixeira pela conquista da Copa do Brasil. Assim como Jó, finalmente ele havia dado a volta por cima. ○

ALEXANDRE BATTIBUGLI

"Acharam (os dirigentes do São Paulo) que eu desaparecia de vez disputando o Campeonato Mineiro"

Com a camisa do Cruzeiro: quatro títulos na bagagem

Despontou como o novo Ronaldinho, chegou à Seleção Brasileira, foi negociado com a Roma, mas nunca foi o mesmo fora da Toca da Raposa. Talvez por isso, tenha retornado. Contribuiu na conquista mais importante do clube dos tempos recentes: a Taça Libertadores de 1997.

Fenômeno

COM O PASSE AVALIADO EM 20 MILHÕES DE DÓLARES E DISPUTADO POR CLUBES EUROPEUS E BRASILEIROS, FÁBIO JÚNIOR É A MAIOR REVELAÇÃO DO BRASILEIRÃO 98 POR EDSON CRUZ

O mesmo Fábio Júnior só que, agora, dentro de um Volvo S 40, paparicado por todos e com o passe valorizado em 6 666% em um ano. Os 20 milhões de dólares pedidos pelo Cruzeiro para negociar o jogador fizeram dele o atleta mais caro em atividade no futebol brasileiro. Antes do Brasileiro, o Cruzeiro recusou uma proposta de 6 milhões de reais feita pelo Monaco, da França. Durante a competição, abriu mão de 7 milhões de reais oferecidos pelo Palmeiras mais os passes dos jogadores Viola e Marquinhos (ou Euller). No final de 1998, empresários que se diziam ligados à Juventus, da Itália, sondaram o Cruzeiro com ofertas que variavam de 15 milhões a 20 milhões de dólares.

O sucesso meteórico criou comparações inevitáveis com Ronaldinho. Afinal, os dois passaram pelo Cruzeiro, usam brincos, são carecas, e artilheiros. "Vamos com calma, o Ronaldinho já está consagrado e eu estou apenas começando", desconversa o jogador. Mas as semelhanças tornaram-se maiores há um mês, num restaurante em Milão, quando o seu procurador, Adélson Duarte, uniu-se aos três empresários de Ronaldinho, o italiano Giovanni Branchini e os brasileiros Alexandre Martins e Reinaldo Pitta. O consórcio de empresários pretende explorar a marca "Fábio Júnior" e criar uma verdadeira "fabiomania", engordardando o seu bolso em pelo menos 1 milhão de reais por ano. Bem mais do que os 10 000 reais de salários que recebe atualmente. "Não sei se um menino de 20 anos estaria preparado para ganhar, por exemplo, 90 000 reais", tenta justificar o presidente cruzeirense Zezé Perrela. "Vejam o que aconteceu com o Dodô (do São Paulo), que parou de jogar bola."

Dispensado do Corinthians

Fábio Júnior chegou ao time do Cruzeiro em julho de 1997. Nessa época, ele era emprestado com freqüência aos juniores. Apesar de ter sido artilheiro na Taça São Paulo, deixou o time na mão ao revidar um chute de um zagueiro do Fluminense, nas quartas-de-Final, e ser expulso. O Cruzeiro perdeu as semifinais para o Internacional. "Senti o gosto amargo de ter sido o artilheiro sem conseguir o título."

Após o regresso ao time profissional, sua estrela começou a brilhar. Em junho de 1998, no primeiro jogo das finais do Mineiro, contra o Atlético, Fábio marcou três gols e ganhou a confiança do técnico Levir Culpi. Mas Fábio poderia estar dando alegrias a outras torcidas. Aos 19 anos, em 1996, treinou no Corinthians e só não ficou lá porque se sentiu discriminado. O diretor das categorias de base, Fredy Marcelo, e o treinador Adaílton Ladeira não aprovaram os brincos que usava. Fredy foi inflexível: com os brincos ele não poderia continuar no Corinthians. "Olhei ao redor e havia pelo menos uns quinze garotos com brincos. Como a bronca era pessoal, resolvi voltar para Minas", conta Fábio. Fredy rebate: "Ele é um mentiroso, pois nenhum garoto estava autorizado a usar brinco no Corinthians". Fredy insinua, inclusive, que Fábio teria mais do que os 21 anos que constam na sua carteira de indentidade. "É estranho que ele só tenha tirado R.G. aos 19 anos", diz o dirigente corintiano.

Fredy diz que Fábio não se firmou no clube por insuficiência técnica e só marcou um solitário gol nos dois meses e meio que ficou — justamente contra o Palmeiras. Fredy não teve olho vivo para identificar a estrela do garoto e, no final de dezembro, Fábio Júnior valia 20 milhões de dólares e enfrentava o Corinthians nas finais do Brasileiro.

"Vamos com calma, o Ronaldinho já está consagrado e eu estou apenas começando a minha carreira"

FÁBIO JÚNIOR, PREOCUPADO COM AS COMPARAÇÕES

Fábio também teve duas passagens pelo Atlético-MG, seu time de infância. Na primeira, aos 15 anos, foi levado pelo conselheiro atleticano e deputado federal Ibrahim Abi-Ackel, atendendo a um pedido da família em troca de favores eleitorais. Fábio não ficou porque era tido como o "peixinho do Abi-Ackel" e sofria gozações dos colegas. Na segunda passagem, esteve emprestado ao Democrata, mas, afogado em dívidas, o Atlético não teve como desembolsar 100 000 reais, em três parcelas, para ficar com o craque.

"Ele é o nosso menino querido", conta o meia cruzeirense Valdo, 34 anos, e espécie de conselheiro de Fábio Júnior. Amigo desde os tempos do Democrata, o zagueiro João Carlos conhece Fábio Júnior como poucos. Na segunda final contra o Corinthians, João viu que o atacante estava entrando nas provocações de Rincón e gritou para Valdo acalmar o colega. "O Rincón me humilhou: falou que estava com o bolso cheio e eu só começando", relatou Fábio aos amigos. Valdo aconselhou: "Diga que ele está com mais de 30 anos e você só com 21 anos." O cruzeirense teve um motivo a mais para se segurar: não levar o terceiro cartão amarelo. "Se eu estivesse só com um dava-lhe uma porrada", admite Fábio.

Pai treinador e irmã sargento

Apesar de suscetível a provocações, Fábio é um pouco tímido. "Ele se considerava um pouco feinho, por isso não saía de casa e não tinha namorada firme", entrega o pai, o motorista de caminhão Agnaldo Pereira de Araújo, 48, que ainda mora na pequena São Pedro do Avaí, distrito de Manhuaçu, a 270 quilômetros de Belo Horizonte, onde Fábio nasceu. "Mas outro dia apareceu aqui em casa com uma menina bonita."

A menina bonita é a estudante mineira Cristina Campos Paixão Silveira, 17 anos, uma morena de contornos irrepreensíveis. Além de curtir a namorada, Fábio gosta de passear em shoppings e é capaz de passar horas no computador. Só não fica mais porque a irmã Fabiana, 26 anos, não deixa. Fábio mora com a irmã e a prima Graziela, 20 anos, num apartamento de três quartos, alugado pelo Cruzeiro, em Belo Horizonte.

Fabiana estabeleceu dentro de casa uma disciplina militar. A mesma com a qual convive na PM de Minas Gerais, onde é sargento. "O Fábio é muito dorminhoco e, por isso, eu sou o seu despertador", diz a irmã. Ela é quem administra as contas da casa, palpita em todos os problemas do atacante e ainda faz policiamento ostensivo sobre o jogador. "A marcação da Fabiana é a pior que já enfrentei na carreira", brinca o jogador.

A família está muito presente na vida do jogador. A começar pelo pai Agnaldo, seu treinador no primeiro time, o Avaí Futebol Clube. O pai insistia em manter o filho na reserva. Fábio era o caçula do time e o mais frágil, por isso o "treinador" queria mantê-lo num lugar seguro: o banco. "Mas sempre que entrava em campo, ele resolvia", diz o pai treinador. E Fábio continua a resolver até hoje. ●

Certo. Ele cuspiu no prato que comeu. Entrou na Justiça para sair do Cruzeiro, comprando uma briga que não parecia tão necessária assim. Mas, enquanto esteve defendendo o clube, Dida foi brilhante. Conquistou Libertadores, Copa do Brasil, tricampeonato mineiro...

Com a bandeira do Cruzeiro ao fundo: casamento rompido rispidamente

Nação defendida

ALTO, SEGURO, QUASE IMBATÍVEL NA HORA DE DEFENDER PÊNALTIS, DIDA É O GOLEIRO QUE TODO MUNDO SEMPRE SONHOU EM VER NA SELEÇÃO BRASILEIRA

POR EDSON CRUZ E CELSO UNZELTE

Ele é mesmo um goleiro acima da média. Alto (mede 1,95 metros), dono de um ótimo posicionamento e de grande elasticidade. Ainda por cima, é um mestre na difícil arte de defender pênaltis. Aos 25 anos, o baiano Nélson de Jesus Silva, o Dida, está bem perto daquilo que vários de seus ilustres antecessores, como Leão e Taffarel, perseguiram sem jamais alcançar: unanimidade nacional.

Um a um, Dida foi derrubando vários tabus absurdos. Primeiro, o da maldição dos goleiros negros, originada no dia em que o Brasil, com Barbosa no gol, perdeu a Copa do Mundo de 1950, em casa, para o Uruguai. Depois, a crença de que goleiro brasileiro não é digno de confiança. "Vejo nele grandes qualidades. Está no mesmo patamar dos grandes goleiros do mundo", assegura Waldir de Moraes, ex-goleiro, consultor técnico da Seleção Brasileira e do Corinthians. "Dida leva uma grande vantagem em relação aos goleiros altos de antigamente: como faz parte de uma geração que conviveu com o treinamento específico para goleiros desde cedo, chegou a profissional com a mesma agilidade de um jogador mais baixo."

"Trata-se, hoje, do jogador mais completo do Brasil na posição", assegura, sem medo de errar, o preparador Gilberto de Morais, responsável pelos treinamentos de Dida no Cruzeiro durante todo o ano de 1998. Morais, como a maioria dos brasileiros, só não o define como "perfeito" por conta das atrapalhadas reposições de bola, tanto com os pés quanto com as mãos. E também por causa das saídas do gol, ainda titubeantes.

Na análise dos prós e contras, ninguém duvida de que o saldo seja positivo. Dida defende bem faltas. E, claro, é o rei dos pênaltis. O segredo? "É ter confiança", resume Dida, modesto. "Olho para o adversário e imagino o que ele poderá fazer." Mas não é só isso. Em ocasiões especiais, como jogos da Seleção Brasileira, seu horário de treinamento, que normalmente vai além do de outros companheiros, costuma ser intensificado.

O resultado de tanto esforço não tarda a

aparecer. Em 46 jogos pela Seleção Brasileira, Dida sofreu apenas 32 gols. Ou seja: 0,69, bem menos de um, por partida. Ainda pode ser pouco (e cedo) perto da marca histórica de Leão, vencido apenas 65 vezes em 105 jogos (média 0,61). Mas já é o suficiente para superar muita gente boa. Como, por exemplo, o monstro-sagrado e bicampeão mundial Gilmar dos Santos Neves (103 jogos, 104 gols sofridos, média 1,01). Contribuíram muito para esses números os recentes pênaltis defendidos por Dida nas Copas América e das Confederações, contra o Chile, a Argentina e os Estados Unidos.

A outra fama que Dida carrega vem de fora do campo. É a de mascarado, metido. "Ele é apenas tímido, não gosta de aparecer muito", defende a relações-públicas do Cruzeiro, Rita de Cássia Pereira, que conviveu diretamente com Dida nos últimos cinco anos. "Evita entrevistas longas e as pessoas. Mas é solícito com os fãs, principalmente com as crianças. Está mais para mineiro do que para baiano."

A timidez é acompanhada de poucas palavras e amigos. Nos tempos de Cruzeiro, os principais eram o atacante Ronaldo (com quem Dida dividia um flat) e Alex Alves, que continua no clube. A amizade entre eles revelou, inclusive, a face cupido de Dida e de sua mulher, a baiana Lúcia. Foi o casal que apresentou Nádia França, a ex-Ronaldinha, ao craque da Inter de Milão. E, posteriormente, a Alex Alves, o atual namorado da requisitada loura.

1996: o ano do inferno astral

O titular inquestionável de hoje já teve tempos de inferno astral. Que começaram com a decepcionante campanha brasileira no torneio de futebol das Olimpíadas de 1996. Dida chegou a Atlanta, sede dos jogos, como titular absoluto. E voltou amaldiçoado, depois de dois gols sofridos por puro desentrosamento com Aldair. Só voltaria a jogar na Seleção em dezembro do ano seguinte, em um amistoso contra a África do Sul. Nesse meio tempo, duas grandes conquistas pelo Cruzeiro: a Copa do Brasil (1996) e a Libertadores (1997). "Essa retomada, se é que algum dia ele teve uma caída, deve-se à sua persistência, à sua personalidade forte", diz Waldir de Moraes. "Goleiro que não treina, como ele treina, pode encerrar a carreira."

Regado a muitos títulos e defesas inacreditáveis, o casamento com o clube mineiro começou a fazer água em fevereiro deste ano. E terminou com uma separação nada amigável. Orientado por seu procurador, o italiano Oscar Damiani, Dida ligou para o vice-presidente Alvimar de Oliveira Costa um dia antes da apresentação para a temporada de 1999. Contou que a partir daquele momento havia encerrado o seu ciclo no Cruzeiro e que um clube europeu iria formalizar uma proposta em breve. "Queria crescer profissionalmente, me destacar no mercado europeu", justifica. "Além disso, os dirigentes sempre prometeram que facilitariam a minha saída caso existisse alguma equipe interessada."

No Cruzeiro, guerra de estrelas

A hipótese mais ventilada para o rompimento, porém, passa por uma guerra de estrelas. Maior ídolo do clube nos últimos cinco anos, o goleiro não se conformava em ganhar menos que Müller e Valdo, dois outros astros do elenco. Além disso, Dida reclamava sempre que nunca era valorizado nas negociações de contratos.

De qualquer maneira, o tal clube europeu existia mesmo, e era o Milan, da Itália. Só que o valor oferecido (2,5 milhões de dólares) foi bem menor do que o Cruzeiro esperava. O clube mineiro, então, apresentou uma proposta de renovação de contrato. Dida não aceitou e três dias depois, segundo sua advogada, Regina Ladéia, o Cruzeiro adulterou a data da proposta com valores astronômicos para supervalorizar o passe. "Procurei motivos para essa supervalorização, mas não encontrei respostas. Quando estipularam meu passe em 7 milhões, foi a gota-d'água. Preferi brigar na Justiça", conta Dida. Seguiu-se uma batalha judicial que durou cinco meses. Dida buscou o passe nas Justiças esportiva e trabalhista.

"O Dida evita entrevistas longas e as pessoas. Mas é solícito com os fãs, principalmente com as crianças. Está mais para mineiro que para baiano"
RITA PEREIRA, RELAÇÕES PÚBLICAS DO CRUZEIRO

Marcelinho contra Dida, na final do Brasileiro de 98. Depois, os dois fariam grande sucesso juntos

Chegou mesmo a temer pelo encerramento prematuro de sua carreira. "Ele é o mártir dos jogadores com carro importado", ironizou o presidente cruzeirense, Zezé Perrella, minimizando a dramaticidade da situação. "Se for preciso, eu paro de jogar. Mas no Cruzeiro não fico mais", retrucou o jogador. Não foi preciso ser tão drástico. O tribunal da Fifa acabou concedendo uma licença especial para que Dida atuasse pelo Lugano, da Suíça.

Lá, jogou apenas três partidas. Enquanto isso, as advogadas do jogador alegaram na Justiça Trabalhista que ele estava sofrendo "cerceamento de trabalho" (segundo a Constituição, todo trabalhador tem o direito de escolher o local de exercício de sua profissão). Dida ganhou na primeira instância, mas o juiz trabalhista exigiu um depósito-caução de 8 milhões de dólares. O processo só não seguiu adiante na Justiça porque o divórcio se consumou antes. No final de maio, o Milan aceitou, finalmente, pagar 3 milhões de dólares pelo passe de Dida. O supergoleiro deixou o Cruzeiro com números invejáveis: 146 vitórias, 78 empates e apenas 81 derrotas. Nos 305 jogos disputados, sofreu 300 gols, mantendo a média inferior a um gol por jogo.

Próximo desafio: o Corinthians

Agora, por 800 mil dólares, o clube italiano resolve emprestar o maior goleiro brasileiro ao Corinthians até dezembro. Se quiser tê-lo em definitivo, o Timão terá que desembolsar mais 3,2 milhões de dólares ao final do empréstimo. "Ele está entusiasmadíssimo com a mudança", conta Waldir de Moraes, que trabalhou com ele na Seleção e trabalhará de novo no Corinthians. No momento, a permanência no Brasil por mais uma temporada atende a dois desejos de Dida, que recusou propostas do Atlético-MG e do Vasco para jogar em São Paulo: primeiro, estar em atividade (com Abbiati fazendo sucesso dificilmente teria chances no Milan); segundo, estar mais perto dos olhos de Vanderlei Luxemburgo. Afinal, ele não esconde de ninguém: seu sonho é ser campeão mundial pela Seleção. Aí, sim, o nome Dida estará definitivamente inscrito na eternidade do futebol. ○

Chegou ao Cruzeiro aos 34 anos e enfrentou de cara uma tragédia pessoal. Nem por isso deixou de se dedicar ao clube e por isso figura entre os grandes de sua história.

Pensei em me matar

DEPOIS DE SOFRER COM A MORTE DE UMA FILHA E A DOENÇA DA OUTRA, VALDO "ADOTOU" FÁBIO JÚNIOR. E VENCEU NO CRUZEIRO

POR ÉDSON CRUZ

"Volte em breve, papai." Estas foram as últimas palavras, acompanhadas de um sorriso escancarado, dirigidas a Valdo por sua filha Tathielle antes de ele embarcar para o Japão, no Aeroporto Hercílio Luz, de Florianópolis, naquele dia 29 de janeiro de 1998. Depois de um mês de férias bem curtidas ao lado da pequena "Tathia" — como ele a chamava —, o meia se reapresentaria ao seu clube, o Nagoya Grampus Eight.

Vinte e três dias mais tarde, em 21 de fevereiro do mesmo ano, após um almoço em meio à pré-temporada do Nagoya em Sydney, na Austrália, o telefone celular do zagueiro Alexandre Torres tocou. Baqueado, Torres repassou o aparelho a Valdo. Era Marta, sua atual mulher, prestes a relatar a maior tragédia da vida do jogador. Um acidente automobilístico havia tirado a vida da sua Tathia, de 12 anos, filha do primeiro casamento. O abraço reconfortante de Torres só ampara as lágrimas.

A irmã e o cunhado de Valdo (que sobreviveram ao acidente), mais Tathielle trafegavam em um Santana Quantum pela BR-101, estrada que liga Siderópolis, a cidade natal do jogador, à Criciúma. No trecho de Imbituba, repleto de curvas, sem acostamento e com faixa contínua proibindo ultrapassagens, um Del Rey branco ultrapassou duas carretas Scania. Em seguida, chocou-se em alta velocidade com a traseira do carro dirigido pelo cunhado de Valdo. O Santana rodopiou, foi atingido pelas duas carretas e partiu-se em quatro.

A viagem de Valdo na volta ao Brasil consumiu 26 horas, recheadas de muita dor e oração. Durante o trajeto, em meio às lágrimas, redigiu um testemunho de cinco páginas lamentando a morte da filha. Após o funeral, o testemunho foi apresentado em uma igreja de Siderópolis.

Logo em seguida, já no Japão, Valdo passou a ser rejeitado pelo novo auxiliar técnico do time japonês, o francês Daniel Fanchev. "Ele disse que os meus 34 anos eram demais para os seus planos", conta. Valdo acabou ficando porque os outros jogadores ameaçaram fazer uma revolução caso partisse. A pressão surtiu efeito e rendeu um contrato por mais um ano.

Numa noite de maio de 1998, a filha caçula de Valdo, Yara (do casamento atual, com Marta), perdeu os sentidos repentinamente. Valdo foi acordado aos gritos por Marta e os dois, mais um intérprete, levaram a menina às pressas para um hospital. "Pensei mesmo em me suicidar caso Yara não se recuperasse. Afinal, em poucos meses, teria perdido a razão da minha vida: minhas duas filhas", conta. Yara recobrou os sentidos no dia seguinte, mas foi detectado um estranho vírus, que apressou o retorno definitivo da família ao Brasil. Com as malas quase prontas, Valdo recebeu um convite para jogar no Cruzeiro. E não pensou duas vezes.

"Quando cheguei a Belo Horizonte, diziam que o Cruzeiro estava montando um time de idosos reumáticos, como Marcelo Djian, Gottardo e Müller", recorda, sem saudade. Mas sua boa performance no Brasileiro calou os críticos, garantiu a Bola de Prata de PLACAR como melhor meia do campeonato e ainda lhe rendeu um contrato até 2001. Segundo ele, o último da sua carreira. "Vou encerrar por aqui. Minha filha Yara, hoje com 5 anos, recuperou-se e já é cruzeirense de carteirinha."

No clube, Valdo encontrou em Fábio Júnior um conforto para compensar a perda de Tathielle. Desde que conheceu Fábio Júnior (hoje na Roma, da Itália), Valdo o apelidou de filho. Em troca, Fábio chama-o de pai. A empatia entre os dois é tão grande que, mesmo separados, continuam trocando telefonemas diários. "Fábio Júnior me disse que vai vencer. E eu acredito nele. Assim como eu, ele é um profissional. Conhecê-lo foi o que de melhor me aconteceu depois da morte de Tathia."

EUGÊNIO SÁVIO

O incansável Valdo: muita regularidade nos dois anos que ficou no Cruzeiro

"Pensei mesmo em me suicidar caso Yara não se recuperasse. Afinal, em poucos meses, teria perdido a razão da minha vida: minhas duas filhas"

Nem o mais fanático cruzeirense imaginaria que logo um argentino fosse se identificar tanto com o clube. Sorín aliava garra na marcação, ousadia no ataque, com seus gols salvadores, e espírito de liderança. Ele ajudou o clube a conquistar uma Copa do Brasil e duas Copas Sul-Minas.

La toca del zorro

NO CRUZEIRO, A PRINCIPAL RAPOSA, OU "ZORRO", COMO DIRIAM OS ARGENTINOS, É SORÍN. COM ASTÚCIA, ELE CONQUISTOU FELIPÃO E A MASSA AZUL

POR EDSON CRUZ

Quando chegou ao Brasil, no início do ano passado, Sorín passou pela alfândega com três pesos nas costas. O primeiro era o de ser a contratação mais cara da história do Cruzeiro — o clube desembolsou 5,8 milhões de dólares para tirá-lo do River Plate. O segundo e o terceiro fardos, o próprio jogador relembra: "Eu era um lateral-esquerdo no país dos laterais-esquerdos e também um argentino no Brasil. Sempre vivi a rivalidade entre os dois países e passei a sentir isso na pele." Mas quem apostou que o "gringo" não daria conta do recado errou feio. Em menos de um ano, Sorín se livrou da sobrecarga e virou ídolo do Cruzeiro.

Um claro sinal é que já se tornou alvo preferencial das provocações dos atleticanos. Nos últimos clássicos, a torcida do Galo plagiou uma antiga marchinha de carnaval e fez uma alusão à cabeleira do jogador — "Olha a cabeleira do Sorín, será que ele é..." —, que tirou de letra a situação: "Fico feliz em saber que estou incomodando a torcida do Atlético. No mais, eu, com a minha cabeleira, estou na Libertadores. E eles, onde estão?"

É claro que o status de ídolo também foi adquirido entre os cruzeirenses. E numa eleição com urna e tudo. Nas quartas-de-final da Copa JH contra o Inter, em dezembro do ano passado, o jornal Raposão Arquibancada — editado por torcedores do time e distribuído nos dias de jogos — fez uma votação nos portões do Mineirão. Para comprovar a seriedade da enquete, foram usadas até urnas eletrônicas cedidas pelo Tribunal Regional Eleitoral. Com 578 dos 2 248 votos válidos, Sorín foi eleito o craque do Cruzeiro em 2000. O segundo lugar ficou com o zagueiro Cris.

O reinado do argentino não termina antes do final deste ano, quando será realizada uma nova votação. Até lá, o fato de ele assumir o papel de maior ídolo cruzeirense da atualidade deixa claro uma mudança no próprio jeitão que a equipe da Toca sempre teve. "Até pouco tempo atrás, o Cruzeiro era conhecido como um time de toque refinado. O Sorín encarna a transição para um futebol mais aguerrido e de pegada", afirma Dirceu Lopes, um dos maiores da história do clube. O próprio lateral, entretanto, não assume a responsabilidade por essa mudança de estilo. Para ele, há um outro "culpado": "Raça e garra na Argentina são naturais, mas o estilo Felipão conta mais. Pelo que sei, o Cruzeiro tem a cara dos times dele."

Tostão, outro mito que se consagrou com a camisa azul, ressalta que a disposição portenha não é a única qualidade de Sorín. O ex-craque e hoje colunista de PLACAR elogia a inteligência e a velocidade de raciocínio do jogador, além da eficiência nos cruzamentos, chutes e cabeçadas. "Não é um supercraque, mas executa todos os fundamentos do futebol com perfeição", diz Tostão.

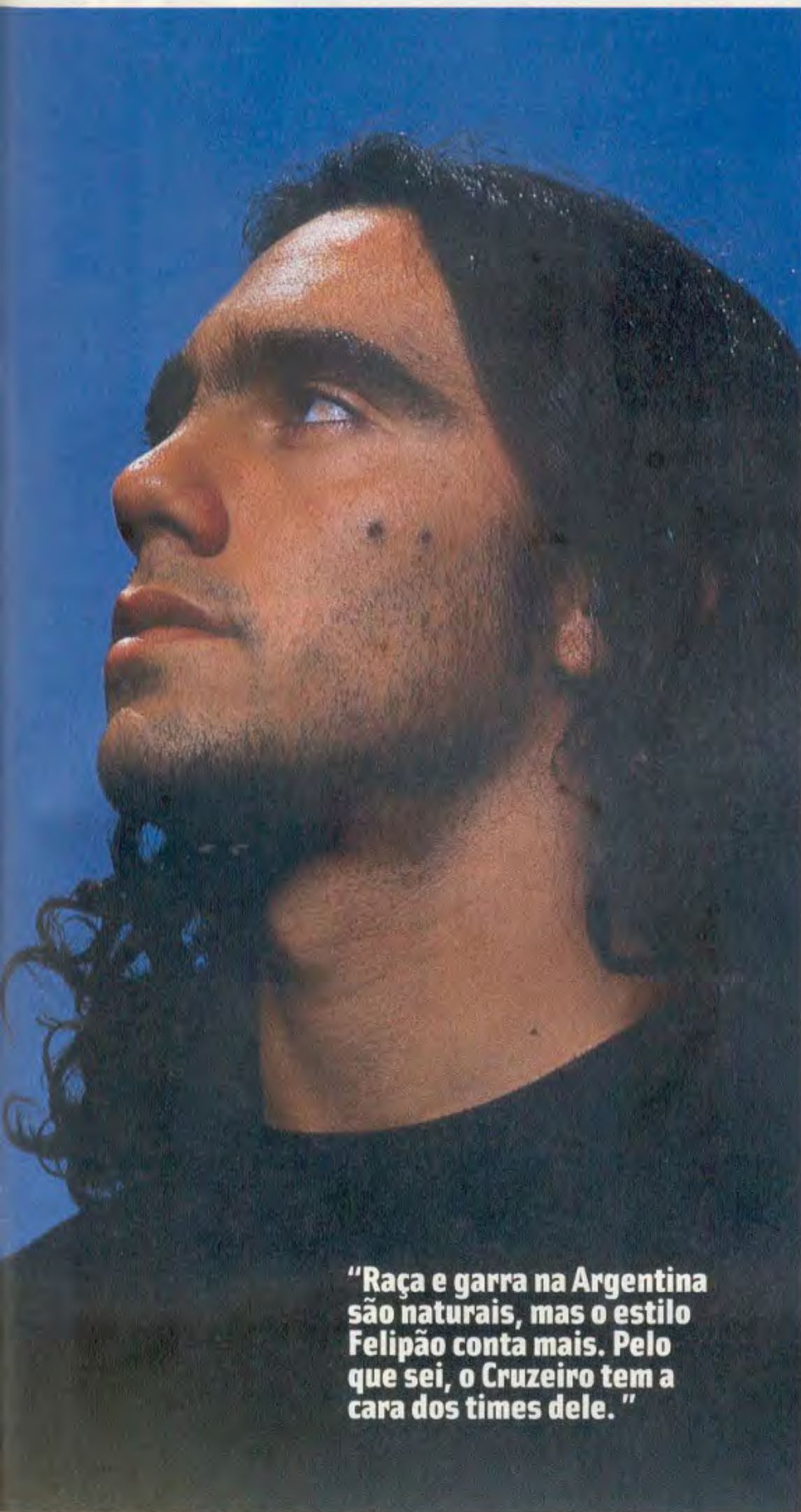
O argentino, porém, ainda não conquistou todos os antigos ídolos cruzeirenses. A ala discordante tem Nelinho como o representante mais engajado. O ex-lateral conta que acompanhou os últimos 11 jogos do time e em todos notou que Sorín vivia abandonando a posição original: "Ele tem que escolher primeiro se quer ser lateral, meia-esquerda ou atacante. Jogando como está, compromete a defesa."

Um espião de Felipão

Sempre rotulado como um técnico excessivamente preocupado em não tomar gols, Felipão desfaz qualquer dúvida e garante que Sorín sempre partiu para o ataque seguindo ordens suas. Para o treinador, o argentino tem grande presença na área, pois finaliza bem tanto de cabeça como com os pés, e pode surpreender os adversários aparecendo como terceiro atacante. Sincero, Scolari confessa que a idéia de usar o jogador dessa maneira não partiu dele. Ele apenas repete o que o lateral já faz há tempos quando joga pela Argentina.

Aliás, a admiração do técnico cruzeirense pela seleção que lidera as Eliminatórias sul-americanas aproximou ainda mais comandante e comandado. A inteligência de Sorín e o conhecimento que ele tem da equipe argentina, dirigida por Marcelo Bielsa, têm impressionado Felipão: "Ele é mesmo um jogador acima da média. Conhece muito futebol e discute táticas." O lateral tem sido uma espécie de elo entre Scolari e Bielsa. "O Sorín tem me revelado segredos da Seleção Argentina. Principalmente com relação à conscientização que o Bielsa passa para cada jogador cumprir a sua função", afirma o treinador do Cruzeiro. Por considerar o futebol argentino o melhor do mundo atualmente, Felipão negocia, com a ajuda de Sorín, um estágio de dez dias para seu auxiliar, Flávio Murtosa, acompanhar os treinos de nossos vizinhos, o que deve acontecer durante a fase de preparação para a Copa América, em julho.

Enquanto Scolari tenta descobrir os segredos da Argentina, o próprio Sorín dá algumas pistas. O jogador credita a liderança absoluta nas Eliminatórias ao grupo fechado, exatamente o oposto do que Leão faz com as constantes mudanças na Seleção Brasileira: "Como não tem tempo de treinar, Bielsa conta sempre com os mesmos 25 jogadores, facilita o entrosamento." Entendeu o recado, Leão?

A tranqüilidade e a segurança com que analisa a Seleção Argentina faltaram a Sorín na mal-sucedida passagem pela Europa, há seis anos. Ele tinha apenas 19 e a experiência na Juventus de Turim foi prejudicada pela timidez e pelo excesso de estrangeiros no elenco do clube. Em menos

O cabeludo Sorín: sintonia surpreendente com o Cruzeiro, com Belo Horizonte e com o Brasil

de oito meses, o lateral deixou a Itália. Por isso, retornar ao futebol europeu é quase uma questão de honra para o argentino. Na semana passada, ele foi flagrado na sala de imprensa da Toca da Raposa acompanhando atentamente o jogo entre Valencia e Leeds United, pela Liga dos Campeões. Despretensiosamente, comentou: "Ainda volto a jogar lá."

Roqueiro portenho

Enquanto permanece no Brasil, entretanto, ele tenta se entrosar com os boleiros daqui, o que não é uma tarefa tão simples. Perto do perfil típico do jogador brasileiro — que passa o dia ouvindo pagode e lendo só os cadernos de esporte dos jornais —, Sorín parece um extraterrestre. Como um bom fã de rock dos anos 60 e 70, na sua casa sobram clássicos do The Doors e dos Rolling Stones. Da música tupiniquim, prefere a bossa nova a qualquer disco de axé ou sertanejo. Graças a essa paixão pela música, comandou nos tempos de River Plate um programa de rádio chamado "Balão de Ensaio", que mesclava rock com literatura e teatro.

A ligação com o mundo artístico é ainda mais forte porque sua mulher, Sol, é atriz. Até o final do ano ela deverá aparecer na TV na minissérie "Quando fui morto em Cuba", baseada em obra do escritor Roberto Drummond. O programa começa a ser gravado em julho pela TV Cultura e foi o próprio Drummond — também colunista de esportes do jornal Estado de Minas — quem indicou Sol para um dos papéis, após conhecer o casal Sorín num jantar.

Para saber detalhes como esse da vida do jogador e de sua esposa, só conversando com quem convive com os dois. Se dependesse do lateral, nada seria revelado. Arredio a qualquer invasão de privacidade, ele não fala sobre a esposa ou a vida particular. "Não gosto de nada que interfira na minha intimidade", afirma. "O Sorín fica na dele, mas é bem-intencionado", diz um dos seguranças do Cruzeiro, confirmando a discrição do jogador.

De vez em quando, porém, o jeito bem-intencionado aparece, mesmo contra a vontade do argentino. Há duas semanas, quase 60 crianças apareceram na Toca para agradecer uma doação de Sorín a um orfanato de Betim (MG). O jogador, que pediu para nada ser divulgado à imprensa, não esperava a visita. E nem a raça argentina foi suficiente para fazê-lo encarar a surpresa sem ficar encabulado.

PLACAR

O MUNDO DE ESPECIAIS PLACAR

Confira o vasto cardápio com todas as edições especiais publicadas em 2002 e o que ainda vem por aí...

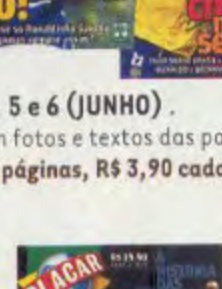
COLEÇÃO COPA 2002

PLACAR NAS COPAS (ABRIL)
As reportagens de todos os jogos da Seleção Brasileira desde 1970 publicadas na PLACAR. **52 páginas, R$ 4,50.**

SELEÇÃO DO POVO (ABRIL)
Pesquisa revelando quem eram os preferidos da torcida e os perfis da Família Scolari. **52 páginas, R$ 4,90.**

GUIA DA COPA (MAIO)
O melhor guia com fichas e fotos dos 736 jogadores do Mundial de 2002. **148 páginas, R$ 6,80.**

O MELHOR DA COPA (JULHO)
A grande final, os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, as imagens mais incríveis, o tabelão completo. **114 páginas, R$ 6,90.**

PÓS-JOGO COPA 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (JUNHO).
Seis especiais pós-jogos com fotos e textos das partidas do Brasil, perfis e tabelão da Copa. **36 páginas, R$ 3,90 cada.**

DVD A HISTÓRIA DO FUTEBOL 1, 2, 3 e 4 (JUNHO)
Quatro revistas com DVDs dos filmes oficiais da Fifa com os gols e melhores momentos das Copas de 30 a 98. **R$ 19,90 cada.**

O PENTA TAMBÉM É SEU (AGOSTO)
Livro do fotógrafo da PLACAR Ricardo Corrêa com as melhores imagens do Mundial 2002. **100 páginas, R$ 19,90.**

100 FOTOS DA SELEÇÃO (JULHO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos da Seleção Brasileira em todos os tempos. **100 páginas, R$ 9,90.**

PÔSTER BRASIL PENTA (JULHO)
O superpôster do Brasil, as fichas dos pentacampeões, autógrafos e a reportagem da final. **R$ 2,50.**

COLEÇÃO GUIAS E CAMPEÕES

EDIÇÃO DOS CAMPEÕES (JANEIRO)
Pôsteres de todos os campeões nacionais de 2001. Para guardar e colocar na parede.
48 páginas, R$ 4,50

PÔSTER CRUZEIRO SUL-MINAS (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 3,50.**

GUIA DO SEMESTRE (MARÇO)
Guia dos regionais, estaduais, Libertadores e Copa do Brasil com informações sobre os clubes participantes.
84 páginas, R$ 4,90.

PÔSTER CORINTHIANS RIO-SÃO PAULO (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 2,90 .**

100 FOTOS DO CORINTHIANS (MAIO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos do Corinthians em todos os tempos. **100 páginas, R$ 9,90.**

PÔSTER BAHIA COPA DO NORDESTE (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor.
R$ 3,50.

COLEÇÃO 13 CLUBES

GRANDES PERFIS
Os melhores perfis publicados na PLACAR desde 1970 de Flamengo, Corinthians, Atlético-MG, Internacional, Vasco, São Paulo, Grêmio, Cruzeiro, Fluminense, Palmeiras, Bahia, Santos e Botafogo. Em 13 edições especialíssimas.
52 páginas, R$ 4,90, a partir de setembro.

E o que vem por aí...

COLEÇÃO BRASILEIRÃO 2002

GUIA DO BRASILEIRÃO
O melhor guia com fichas e fotos dos 486 jogadores do Brasileiro de 2002, curiosidades, tabelas e muito mais. **128 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas**

A HISTÓRIA DO BRASILEIRÃO
Especial acompanhado de CD-ROM que traz as fichas completas dos 11 065 jogos do Campeonato de 1971 a 2001.
32 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas.

ALMANAQUE DO BRASILEIRÃO
Especial com mais de 100 perguntas sobre o Brasileiro, Tabelão de 2002, as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em outubro.**

REVELAÇÕES DO BRASILEIRÃO
Especial com os destaques do campeonato, as fotos coma assinatura PLACAR, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em novembro.**

RETROSPECTIVA DO ANO
Especial com o que aconteceu de melhor no Brasileirão, Copa do Brasil, estaduais, Copa do Mundo e destaques do ano do futebol. Além do Tabelão do Brasileiro, Bola de Prata e Chuteira de Ouro. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em dezembro.**

O MELHOR DO BRASILEIRÃO
Especial com os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, o Tabelão completo de todo o campeonato, o resultado final da Bola de Prata e da Chuteira de Ouro. Para as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas no final de dezembro.**

VENDAS POR INTERNET

NO SITE WWW.PLACAR.COM.BR (LOJA PLACAR) É POSSÍVEL COMPRAR PACOTES DOS ESPECIAIS PUBLICADOS EM 2002

> Pacote Copa total:
Os seis especiais pós-jogo, o Melhor da Copa e o Pôster do campeão: de R$32,80 por R$19,90 mais frete.

**Para comprar algum revista específica basta pedir ao jornaleiro mais próximo*

> Pacote 4 DVDs:
Os quatro especiais História das Copas com os vídeos oficiais dos Mundiais de 1930 a 1998: de R$79,60 por R$69,90 mais frete.

> Pacote Corinthians:
O Almanaque do Timão, o especial 100 fotos do Corinthians e o pôster do campeão da Copa do Brasil: de R$22,70 por R$14,90 mais frete